

SOLANGE ISABEL DUARTE MARIA

A INFLUÊNCIA DA AMIZADE NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM IDADE
PRÉ-ESCOLAR



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2020

SOLANGE ISABEL DUARTE MARIA

A INFLUÊNCIA DA AMIZADE NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM
IDADE PRÉ-ESCOLAR

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada para obtenção de grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar.

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho realizado sob a orientação de:

DOUTORA CLÁUDIA CRISTINA GUERREIRO

LUÍSA

MESTRE JOSÉ ALVES FARINHA



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2020

A INFLUÊNCIA DA AMIZADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Solange Isabel Duarte Maria

Solange Isabel Duarte Maria

Copyright _____,

Universidade do Algarve, Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais e irmãos, obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

A vida é cheia de certezas e incertezas. Não poderia ser de outra forma. Certo foi o sonho que cresceu em mim para embarcar nesta aventura de querer ser educadora de infância. Todo este percurso, desde a licenciatura em Educação Básica, até aqui, a este relatório de investigação, muitas foram as vezes que pensei: “Consegurei ultrapassar tudo isto?”. Mas quem corre por gosto, não cansa. Aqui estou e tem sido um caminho cheio de surpresas, de muitas aprendizagens e de crescimento pessoal e profissional. Onde tudo valeu a pena. Por isso, quero agradecer a todos aqueles que contribuíram e marcaram de alguma forma esta etapa importante da minha vida:

Primeiramente, agradeço aos meus orientadores, professora doutora Cláudia Luísa e professor mestre José Farinha por embarcarem neste desafio, por todos os conselhos transmitidos, por toda a disponibilidade, apoio e compreensão que tiveram durante todo este processo.

A todos os docentes da licenciatura em Educação Básica e do mestrado em Educação Pré-Escolar por todos os seus ensinamentos e aprendizagens que contribuíram para todo o meu crescimento, enquanto pessoa e profissional.

À professora doutora Maria Helena Horta por todas as suas partilhas, conselhos e apoio que foram essenciais durante toda esta jornada. Principalmente, por mostrar o verdadeiro significado da educação de infância.

Ao grupo de crianças por todo o afeto e momentos partilhados, sempre recheados de boa disposição, abraços e principalmente, de amizade. Especialmente, por mostrarem que a verdadeira amizade está guardada nos nossos corações.

À educadora cooperante, Patrícia Correia, e auxiliares, Lina Romba e Sara Pírbhday, por toda a liberdade, paciência, disponibilidade e aprendizagens que me fizeram progredir.

A todas as educadoras cooperantes, auxiliares e grupos de crianças por onde passei nas práticas desde a licenciatura até ao mestrado, pois, todos promoveram para a pessoa e profissional que sou hoje. Em especial, à Julica Engel e ao seu grupo fantástico.

A todas as minhas colegas de turma por todas as partilhas e momentos vividos em conjunto, onde rimos, chorámos, crescemos e abraçamos este percurso académico com dedicação.

A todos os meus amigos por todo o apoio, paciência, amizade, força e coragem que me transmitiram durante todo este caminho, em especial às minha amigas Catarina Mimoso, Mariana Fernandes, Margarida Tomé, Mónica Ribeiro, Susana Matos e Daniela Brito. Obrigada por estarem do meu lado sempre que precisei, longe ou perto.

A toda a minha família, por todo o apoio, amor, dedicação e preocupação que tiveram comigo durante todo este percurso, bem como em toda a minha vida. Apenas posso agradecer pela família incrível que me calhou.

Aos meus avós maternos, António Duarte e Natércia Duarte, por todo o amor, carinho, dedicação, educação e apoio essencial em todas as etapas da minha vida. Foram fundamentais desde o início.

Às minhas tias, Dilar Duarte e Marisa Duarte, por toda a paciência, amor, conselhos e dedicação. Por me aturarem, desde sempre e por nunca me deixarem e desistirem de mim.

Ao meu primo, Wilson Ramos, por todas as ajudas, boleias e conversas durante este meu percurso. Um primo que me atura e cuidou de mim, desde que nasci.

Aos meus irmãos, Leonor Maria e Vicente Maria, por serem quem são e existirem na minha vida. Por todo o amor incondicional presente entre nós.

Aos meus pais, Manuel Maria e Cidália Duarte, por serem imparáveis e fazerem o melhor para mim, desde sempre. Por me ajudarem a ultrapassar todos os meus obstáculos, lágrimas e dificuldades. Por todo o amor e carinho e por estarem sempre do meu lado. Por me darem coragem e apoio para nunca desistir dos meus sonhos e objetivos. Obrigada de coração por tudo por que fizeram e fazem por mim. Sem o vosso apoio nada disto faria sentido.

Um enorme obrigada a todos aqueles que me acompanharam e apoiaram durante todo este percurso. Sem estas pessoas, isto não poderia ter sido tão maravilhoso! Grata por todas as oportunidades que tive e o meu agradecimento será, certamente, a minha dedicação às crianças!

RESUMO

O presente relatório de investigação intitulado *A influência de amizade no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar* foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, no ano letivo 2019/2020. O processo investigativo sucedeu numa sala de Jardim de Infância de uma Instituição Particular de Solidariedade Social, no distrito de Faro. O estudo decorreu com um grupo de vinte e três crianças e o objetivo principal foi investigar se as relações de amizade influenciam no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, compreendendo o conceito e a importância para a mesma relativamente à temática estudada.

As relações de amizade envolvem um conjunto de características, tais como o afeto, o carinho, a segurança, a confiança e o respeito pelo outro e podem contribuir para o bem-estar do ser humano. Neste sentido, considerou-se pertinente compreender se a amizade contribuiu para o desenvolvimento da criança. Deste modo, desenvolveu-se um estudo de natureza qualitativa, de carácter descritivo, com recurso de recolha de dados como: observação participativa, conversas informais e entrevistas semiestruturadas às crianças, à educadora cooperante e encarregados de educação.

O grupo de crianças foi capaz de realizar todas as tarefas propostas na intervenção educativa, revelando que o conceito de amizade pode ser, essencialmente, vivenciar sentimentos por outro indivíduo e contribuir para o seu bem-estar e felicidade. Observou-se, desta forma, a existência de relações de amizades fortes em alguns grupos na sala. Contudo, todas as crianças conseguiram concretizar as atividades para a exploração da amizade, revelando que o que importa, principalmente, é o respeito que sentem pelos outros.

Palavras-chave: Vinculação; amizade; desenvolvimento; educação pré-escolar; família.

ABSTRACT

This research report entitled *The influence of friendship on the development of pre-school children* was developed as part of the curricular unit of Supervised Teaching Practice of the Master's degree in Pre-School Education of the Higher School of Education and Communication, University of Algarve, in the school year 2019/2020. The research process took place in a kindergarten classroom of a Private Institution of Social Solidarity, in the district of Faro. The study was conducted with a group of twenty-three children and the main objective was to investigate whether friendship relationships influence the development of preschool children, understanding the concept and importance for it in relation to the theme studied.

Friendship relationships involve a set of characteristics, such as affection, caring, security, trust and respect for the other and can contribute to the well-being of the human being. In this sense, it was considered pertinent to understand whether friendship contributes to the child's development. Thus, a qualitative, descriptive study was developed, using data collection, such as: participatory observation, informal conversations and semi-structured interviews with children, class teacher and child guardians.

The group of children was able to perform all the tasks proposed in the educational intervention, revealing that the concept of friendship essentially can be to experience feelings for another individual and contribute to their well-being and happiness. Thus, it was observed the existence of strong friendship relationships and some groups in the classroom. However, all children were able to carry out the activities for the exploration of friendship, revealing that what matters, mainly, is the respect they feel for others.

Keywords: Attachment; friendship; development; preschool education; family.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	X
ÍNDICE DE TABELAS	XI
ÍNDICE DE APÊNDICES	XII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1- Vinculação e desenvolvimento socioafetivo da criança desde a gravidez.....	3
1.2- A amizade e o desenvolvimento da criança	5
1.3- Amizade no Jardim de Infância	7
1.4- O papel do/a educador/a de infância na promoção da amizade	9
1.5- O papel da família nas relações de amizades das crianças	10
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	12
2.1- Natureza do estudo.....	12
2.2- Questão de investigação.....	12
2.3- Objetivos de investigação	13
2.4- Participantes	13
2.5- Procedimentos éticos	14
2.6- Procedimentos metodológicos	15
2.6.1- Observação participativa.....	15
2.6.2- Conversas informais	15
2.6.3- Entrevistas semiestruturadas.....	16
CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA: DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS	18
3.1. Diagnóstico	18
3.1.1. Leitura da história “Meu Amigo”	19
3.1.2. Registo dos amigos em desenho	20

3.1.3. Apresentação dos desenhos ao grupo	20
3.2. Estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade	20
3.2.1. “Escolhe uma imagem e verás”	21
3.2.2. O Espelho.....	22
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS.....	24
4.1. Diagnóstico	24
4.1. Estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade	28
CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
5.1. Entrevistas às crianças	32
5.2. Entrevista à educadora	40
5.3. Entrevista aos encarregados de educação	42
CONCLUSÕES	44
REFLEXÃO FINAL.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES.....	53

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1 - Livro "Meu Amigo" de Astrid Desbordes.	19
Figura 3.2 - Exemplos das imagens utilizadas para os cumprimentos	22
Figura 3.3 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.	26
Figura 3.4 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.	27
Figura 3.5 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.	27

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 - Grupo de crianças.	14
Tabela 5.1 - O que é, para ti, a amizade/ser amigo?	32
Tabela 5.2 - Tens amigos na tua sala? Quem são?	34
Tabela 5.3 - Tens algum/a melhor amigo/a? Quem? Porquê?	35
Tabela 5.4 - O que gostas de fazer com os teus amigos?.....	37
Tabela 5.5 - Achas que é bom ter amigos? Porquê?	39

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice A - Documento dirigido aos encarregados de educação.....	53
Apêndice B – Questões da entrevista às crianças	54
Apêndice C – Questões da entrevista à educadora de infância cooperante	56
Apêndice D – Questões da entrevista aos encarregados de educação	58
Apêndice E - Planificação da fase de diagnóstico	60
Apêndice F - Planificação da atividade "Escolhe uma imagem e verás"	61
Apêndice G - Planificação da atividade “O Espelho”	62

INTRODUÇÃO

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve. A PES decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do distrito de Faro, em contexto de Jardim de Infância, no ano letivo 2019/2020.

O tema do relatório de investigação intitula-se *A influência da amizade no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar*, tendo como objetivo geral investigar se as relações de amizade influenciam no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, de forma a compreender o conceito e a importância das crianças relativamente à temática em estudo.

O interesse da mestranda pelo tema surgiu nas práticas desenvolvidas em diferentes contextos educativos desde a licenciatura até ao mestrado, visto que a afetividade, a confiança e o respeito pelo outro têm um papel decisivo na vida da criança desde cedo, sendo que “a verdadeira amizade é um relacionamento de verdade, de partilha e de aceitação com noção da autonomia e do respeito que a amizade deve manter” (Cordeiro, 2020, p. 393). Portanto, as relações afetivas têm uma extrema importância na vida do ser humano, desde a gravidez. Em Jardim de Infância, as relações estabelecidas entre as crianças e entre as crianças e adultos podem se tornar fortes e fundamentais para o bem-estar das mesmas, formando relações de amizade.

O grupo de crianças era composto por vinte e três crianças com idades compreendidas entre os três e cinco anos de idade, apesar da maioria ter quatro anos, tendo, todas, participado no presente relatório de investigação. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de carácter descritivo, sendo o principal recolher os dados necessários para o desenvolvimento de uma investigação em educação, de forma a dar resposta à questão e objetivos estabelecidos.

O presente projeto de investigação é composto por cinco partes, tendo o capítulo I, referente ao enquadramento teórico, uma primeira abordagem sobre a vinculação e desenvolvimento da criança desde a gravidez, a ligação entre a amizade e o desenvolvimento socioafetivo da criança e seguidamente, amizade no Jardim de Infância, referenciando o papel do/a educador/a e da família na temática. O capítulo II refere-se à metodologia, onde se apresenta a natureza do estudo, a questão e objetivos da

investigação e identificam-se os participantes, os procedimentos éticos e metodológicos. O capítulo III diz respeito à intervenção educativa: descrição das estratégias implementadas, constituída pela fase de diagnóstico e estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade. O capítulo IV é referente à análise e discussão das estratégias implementadas e por último, o capítulo V é dedicado à apresentação, análise e discussão dos resultados.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste primeiro capítulo referente ao enquadramento teórico, de modo iniciar a presente investigação, considerou-se pertinente abordar e compreender a vinculação e o desenvolvimento socioafetivo da criança, desde a gravidez, visto que estes podem contribuir para a formação de futuras relações sociais e afetivas, incluindo a amizade. Consequentemente, como o tema do relatório indica, também se considerou importante articular a amizade e o desenvolvimento da criança, verificando como estas se podem relacionar. No final, deste capítulo, ainda se confirmou a necessidade de constatar a amizade no Jardim de Infância, dado ser este o contexto educativo em estudo e assim, compreender o papel do/a educador/a de infância na promoção da amizade, bem como o papel da família perante a formação de amizades dos seus educandos.

1.1- Vinculação e desenvolvimento socioafetivo da criança desde a gravidez

O aparecimento da gravidez implica uma mudança significativa na família. De acordo com Figueiredo (2006), citado por Delfino (2012), a gravidez promove um conjunto significativo de novas aprendizagens e uma revisão e reaproximação da família de origem e a mãe, principalmente, passa a ter um papel de proteção e suporte para o seu filho, para a sua adaptação ao mundo exterior. No entanto, é essencial compreender que sendo o corpo da mãe, o ambiente pré-natal, “tudo que afeta o bem-estar dela, desde sua dieta a seu humor, pode alterar o ambiente da criança e afetar seu crescimento” (Papalia, Olds & Feldman, 2006, p. 129).

Segundo Schmidt (2009), citado por Delfino (2012), é durante a gravidez que começa a estruturar-se uma relação de vinculação entre o bebé e a mãe, evidenciando-se, ainda, que as grávidas que participaram em curso de preparação para o nascimento e que foram seguidas por profissionais de saúde durante todo o processo, constroem uma relação mais íntima, segura e emocional com o seu filho, de forma a poder dar resposta às suas necessidades físicas, emocionais e relacionais. Posto isto, Gamito (2013) afirma que “a gravidez é a primeira fase do processo de vinculação, que continua e se fortalece após o nascimento” (p. 31).

O nascimento de um bebê humano requer muita atenção e cuidado por parte dos pais ou cuidadores, pois “o recém-nascido, com a sua fragilidade, exerce sobre todos, mas em particular sobre os pais, um fascínio e uma atração que comove, abala e mobiliza para a sua proteção” (Cepêda, Brito & Heitor, 2005, p. 9). Conseqüentemente, a proteção e o vínculo afetivo entre o bebê e os pais contribui para o desenvolvimento e futuro da criança. Portanto, é evidente, que a existência de uma relação de vinculação contribuiu para o desenvolvimento da criança. No entanto, isto apenas acontece, se o processo de vinculação decorrer de forma natural e não afetar o bem-estar do bebê, pois o comportamento de uma vinculação segura manifesta no bebê uma “proximidade física com a pessoa que dele cuida” (Cepêda et al., 2005, p. 11).

Podemos constatar que este vínculo afetivo tem uma grande importância na vida do ser humano, desde a gravidez. O recém-nascido começa por estabelecer relações afetivas, inicialmente e principalmente com a sua mãe, e com outros membros da família. O ser humano, ao contrário de outros animais, nasce imaturo, frágil e de dependência total dos seus cuidadores. Um bebê, sem os cuidados da família “não conseguirá sobreviver fisicamente e não sobreviverá psicologicamente também” (Costa, 2020, p. 20).

Bowlby (1984) refere que o bebê possui algumas necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto, tornando a criança com interesse de ligação com uma figura humana, principalmente a mãe. Assim, a progenitora transforma-se na fonte de satisfação da criança e o bebê consegue reconhecer a mãe através do seu toque, da sua voz ou do seu cheiro. Desta forma, pode-se afirmar que os bebês apreciam a companhia do/a cuidador/a, pois “nos primeiros dias de vida, os bebês são acalmados por interação social, como ser levado ao colo, falarem com ele, ser acariciado” (Bowlby, 1984, p. 231). O bebê nasce, de imediato, com comportamentos de vinculação como: “o choro, a sucção, o agarrar, aos quais mais tarde se juntam o sorriso, o balbúcio, e ainda mais tarde, o seguir quer seja a gatinhar ou já a andar” (Gamito, 2013, p. 33), servindo estes para ter a atenção da mãe e para que esta responda e satisfaça as suas necessidades.

A relação de vinculação entre o bebê e a mãe é crucial para a sobrevivência e desenvolvimento do pequeno ser. Ao longo do crescimento do bebê, este irá desenvolver outras relações de vinculação com outros membros da família (pai, avós, irmãos, primos, tios) ou com o/a educador/a. Contudo, segundo Gamito (2013), “quer seja boa ou má, a relação com a figura de vinculação, moldará a pessoa ao longo de toda a sua vida, e influenciará todas as suas relações futuras” (p. 35).

O contacto e relação entre bebé e os pais, desde o nascimento, através de um ambiente harmonioso, saudável, calmo e protetor, são essenciais para o desenvolvimento do laço afetivo precoce entre estes, pois “a criança está preadaptada ao mundo social e, neste sentido é social desde o início” (Ainsworth, Bell & Sayton, 1983, p. 129), logo através de uma vinculação e relações saudáveis irá proporcionar-lhe um futuro e desenvolvimento equilibrado. Sendo a vinculação e o desenvolvimento afetivo inicial da criança extremamente determinante para o futuro, visto que “as lições de relacionamento começam com a intimidade dos laços de um bebé com os pais” (Greenspan, 2009, p. 21)

Neste ponto, pretendeu-se constatar essencialmente, que a relação de vinculação entre o bebé e a família contribui para o bem-estar e futuro do mesmo, assim como para a formação de relações afetivas futuras com outros familiares ou com outros adultos e crianças, fora do seu contexto habitual e familiar, pois segundo Ferreira (2014), a relação “entre mãe-bebé, vai servir de modelo para todas as relações futuras” (p. 5). Com a entrada para um contexto educativo, a criança começa a alargar o seu mundo de relações afetivas, transformando-as muitas em relações de amizade. Contudo, tudo poderá depender de vários condicionantes do ambiente envolvente da criança ou até da sua própria personalidade.

A criança ao estabelecer uma vinculação segura e saudável com os seus cuidadores terá maior facilidade e interesse em formar futuras relações. De acordo com Carneiro de Sá (2010), crianças em idade pré-escolar com uma vinculação segura desempenham “tarefas de natureza cognitiva, maior capacidade de organização no jogo simbólico, maior rapidez na aquisição da linguagem, menor dependência em relação aos professores, maior resiliência, maior autoestima e maior competência em relação aos pares” (p. 8).

1.2- A amizade e o desenvolvimento da criança

De modo a contextualizar e compreender o estudo da investigação em causa, considerando relevante relacionar as relações de amizade e o desenvolvimento da criança, colocando visível a forma como ambos se interligam e favorecem para a evolução e futuro da mesma.

Segundo Rubin (1982), “a falta de investigação acerca das amizades das crianças pequenas pode também ter refletido um contexto social no qual se dava às crianças da

escola infantil poucas oportunidades de interação com as suas semelhantes” (p. 16). No entanto, ao longo do tempo verificou-se “um maior interesse por esta área de pesquisa, nas últimas décadas, embora continue a ser uma área pouco abordada, principalmente no âmbito da Educação” (Leocádio, 2013, p. 11).

Como se constatou anteriormente, a criança estabelece relacionamentos sociais e afetivos desde o período de gestação e posteriormente, fortalecidos no nascimento através do contacto com a família. Na entrada para um contexto educativo, a criança começa por relacionar-se com outros adultos e outras crianças, passando estes a serem referência para a criança, além da sua família. Assim sendo, “o conceito de amizade vai se alterando ao longo do processo de desenvolvimento, na medida em que a criança se vai tornando cada vez mais capaz de pensar sobre seus relacionamentos” (Ricardo & Rossetti, 2011, p. 84). Ao longo do tempo, é compreensível, que a criança modifique o seu conceito relativo à amizade, pois o seu desenvolvimento e pensamento tem uma evolução através de novas aprendizagens de interação social.

Segundo Selman (1980, cit in Papalia et al., 2006), entre os três e sete anos de idade, a maioria das crianças definem as suas amigas de acordo com a proximidade física e valorizam atributos materiais e físicos, como o morar perto de um amigo ou por o amigo ter um brinquedo em comum com a criança. Contudo, é indispensável mencionar, novamente, que “os conceitos que as crianças têm de amizade e a sua forma de agir com os amigos mudam com a idade, refletindo os desenvolvimentos cognitivo e emocional” (Papalia et al., 2006, p. 421).

De acordo com Rubin (1982), a criança através das relações com outras crianças pode proporcionar-lhe contribuições únicas para a aprendizagem de muitas outras aptidões sociais, seja na afetividade ou na resolução de conflitos, ou seja, afirma-se que “amigos e familiares oferecem formas diferentes de apoio social na infância” (Garcia, 2005, p. 287). A família é um apoio fundamental para a criança, seja na sua vida, seja no seu desenvolvimento, proporcionando vivências que os amigos não conseguem. Ainda assim, estes últimos oferecem outras experiências e vivências sociais e afetivas essenciais para a criança.

Em idade pré-escolar, a maioria das crianças refletem a sua amizade para com as outras crianças através do brincar ou da partilha de brinquedos, sendo que algumas já relatam fortes emoções e sentimentos. A partir disso, inicia-se as interações sociais, em que a criança começa a pensar mais no próximo e ao longo do tempo, deixa, de alguma forma, de ser menos egocêntrica. Assim sendo, “mesmo na primeira infância, as crianças

têm uma forte necessidade de um sentimento de pertença a um grupo, o que só pode ser colmatado pelas amizades da mesma idade” (Rubin, 1982, p. 19), e também derivado à semelhança de interesses.

Ricardo e Rossetti (2011) afirmam que “a amizade também age como um fator de proteção social, que traz benefícios à autoestima e ao bem-estar da criança” (p. 84), ou seja, esta pode contribuir, de algum modo, para o desenvolvimento da mesma. Por conseguinte, Leocádio (2013) refere que “as relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar contribuem para o desenvolvimento estável das crianças, possibilitando às mesmas adquirir conhecimentos e desenvolver capacidades através das relações que criam com os que lhes rodeiam” (p. 11). Deste modo, é inevitável não relacionar a amizade com o desenvolvimento da criança. A grande ligação entre ambos e os benefícios vividos através das relações de amizade favorecem e contribuem para o bem-estar e evolução saudável da criança. Neste sentido, Rubin (1982), mais uma vez, defende a importância da amizade na infância e menciona que “os amigos preenchem funções essenciais para as crianças que os pais não preenchem, e desempenham um papel crítico na formação de aptidões sociais das crianças e no seu sentido de identidade” (p. 27).

1.3- Amizade no Jardim de Infância

Como se pode verificar, nos seus primeiros anos de vida, a criança já sente necessidade de pertencer a um grupo, além do seu contexto familiar e naturalmente começa a formar relações de amizade com crianças da mesma faixa etária. Neste sentido, de acordo com Rubin (1982), “nos primeiros meses do segundo ano, as crianças começam a comportar-se de uma maneira indubitavelmente social umas em relação às outras” (p. 33).

Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) consideram que

As relações e as interações que a criança estabelece com adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento (p. 8).

É notória, a importância do Jardim de Infância na vida da criança, sendo um lugar onde esta aprende a brincar e a interagir com outros adultos e outras crianças, pois, de

acordo com Vasconcelos (2007), neste contexto educativo “a criança deixa de ser o centro, para se tornar um entre outros. Ela vai aprender a viver em grupo, a trabalhar com os outros, com a consequente distribuição de tarefas e gestão dos problemas de forma participativa.” (p. 4). Visto que até aos três anos de idade, a criança está, de facto, centrada somente em si própria. De acordo com Papalia et al. (2006), a teoria de Piaget afirma que “as crianças pequenas concentram-se tanto em seu próprio ponto de vista, que não conseguem perceber o de outra pessoa” (p. 289). A partir dessa faixa etária, o ser humano deixa de ser menos egocêntrico e começa a compreender “que pessoas que veem ou ouvem versões diferentes do mesmo fato podem ficar com crenças diferentes” (Papalia et al., 2006, p. 293).

A entrada no Jardim de Infância acontece precisamente por volta dos três anos de idade. Assim sendo, segundo Leocádio (2013), “as relações de amizade entre crianças da mesma idade estão intimamente relacionadas com o aparecimento dos jardins de infância.” (p. 11), lembrando ainda a importância das relações existentes no meio familiar e também, da Creche ou Ama, caso a criança tenha frequentado. Todos estes contextos podem influenciar no desenvolvimento da socialização da criança na entrada para o Jardim de Infância. Segundo David (1981), “a qualidade das relações sociais que a criança vai estabelecendo depende das condições de vida da criança, da frequência das ocasiões que lhe são proporcionadas” (p. 93), ou seja, irá depender do contacto da criança com outros contextos sociais. Portanto, na entrada no Jardim de Infância, a criança terá mais oportunidades de formar novas relações.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE), a formação de amizades entre as crianças durante este processo é essencial para “o desenvolvimento de relações afetivas estáveis, em que a criança é acolhida e respeitada, promove um sentimento de bem-estar e a vontade de interagir com os outros e com o mundo” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 9). Perante a criança, o/a educador/a, bem como restante equipa educativa, tem o papel importante de garantir que todas as crianças são respeitadas e valorizadas por todos, tornando-se, por isso, um modelo a seguir para o grupo.

1.4- O papel do/a educador/a de infância na promoção da amizade

A intencionalidade educativa do/a educador/a, segundo Lopes da Silva et al. (2016), caracteriza a sua intervenção profissional, permitindo-lhe, deste modo, dar sentido à sua ação. Neste sentido, a construção e planeamento do currículo, deve conhecer o ambiente envolvente e, principalmente, ir ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, bem como das características individuais de cada criança.

Para as crianças que não frequentaram a Creche ou Ama, o Jardim de Infância é o primeiro contexto social, sendo este a proporcionar novas aprendizagens e interações essenciais para o seu desenvolvimento. O/a educador/a é um/a mediador/a entre a criança e este novo contexto educativo, pois de acordo com Lopes da Silva et al. (2016), é fundamental que “a relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas” (p. 28).

Na promoção da amizade na sala, primeiramente, o/a educador/a deve transmitir ao seu grupo segurança e confiança, de modo, a que todas as crianças se sintam confortáveis e acolhidas. O/a educador/a deve estar sempre presente e apresentar-se como um exemplo a seguir em todo o processo educativo desenvolvido, pois, de acordo com Seabra (2011), para as crianças o/a educador/a deve ser como “um apoio e incentivador do processo de ação pedagógica” (p. 15). Através de uma promoção implícita da amizade, o/a educador/a pode e deve fazê-la de diversas formas, fomentando a partilha, a cooperação, a interajuda e o respeito entre os pares em todas as situações. Neste sentido, segundo Couto (2018), “o trabalho cooperativo possibilita que as crianças discutam ideias e situações, podendo, assim, entreajudarem-se, tornando as suas aprendizagens mais significativas, ao partilharem suas opiniões” (p. 29). Assim sendo, situações de aprendizagem que envolvam a interação coletiva possibilita ao grupo desenvolver aprendizagens sociais mais significativas e essenciais para a formação de relações de amizade.

Além da importância do/a educador/a na promoção e formação de relações de amizade no grupo, este tem também uma função primordial na resolução de conflitos. Mota (2018) acredita que o/a educador/a ao mediar conflitos, numa fase inicial, promovendo-lhes ferramentas e estratégias para que as crianças, de forma progressiva, sejam capazes de pensar como resolverem os seus próprios desacordos. Portanto, o/a

educador/a tem, mais uma vez, um papel de mediador/a na resolução de conflitos, tornando estas situações enriquecedoras, de modo a criança tenha noção da sua perspectiva, bem como a das outras crianças. Neste sentido, o/a educador/a deve proporcionar oportunidades de aprendizagem para que as crianças disfrutem de “diversos momentos de convivência umas com as outras, para que se conheçam, tomem decisões sobre as suas brincadeiras ou atividades” (Rodrigues, 2015, p. 32).

A promoção da amizade pode ser desenvolvida e estimulada nas diferentes áreas de conteúdo referentes nas OCEPE, todavia a área de Formação Pessoal e Social pode ser considerada primordial para exploração desta temática, sendo esta uma área transversal e presente em todos os momentos educativos realizados em Jardim de Infância, visto que esta baseia-se “no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 33). Um projeto e um caminho desenvolvido na promoção da amizade irá depender, certamente, dos interesses e necessidades do grupo de crianças, para que a intencionalidade educativa do/a educador/a os acompanhe. Contudo, esta deve estar presente em todo o processo educativo, explícita ou implicitamente.

1.5- O papel da família nas relações de amizade das crianças

Desde a gravidez, como se verificou anteriormente, a família tem um papel extremamente importante na vida e desenvolvimento da criança. Na entrada para um contexto educativo, a família continua, mais uma vez, a ser essencial ao lado da criança, porém agora, estabelece uma ligação com o/a educador/a/comunidade educativa. Segundo Lopes da Silva et al. (2016), “os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança” (p. 28).

Os principais fatores da família na colocação da criança num contexto educativo de pré-escolar são: por motivos profissionais dos pais/família, para a criação de uma rotina equilibrada e pela convivência com outras crianças e adultos. É importante que os pais/família tenham em conta que, como anteriormente referido, os amigos são essenciais para a criança e exercem papéis diferentes dos pais na sua vida. Ainda assim, Brazelton e Greenspan (2002) referem que “as crianças em idade pré-escolar continuam a precisar

de um tipo de relação afetivo e carinhoso com os pais” (p. 72), apesar de agora estabelecerem outras relações afetivas e sociais com outros indivíduos.

O estabelecimento de uma relação afetiva e saudável com os pais/família é fundamental para a formação de novas relações, pois “embora as relações com as outras crianças sejam importantes, elas baseiam-se nas vivências precoces da criança em questão dos seus pais” (Brazelton & Greenspan, 2002, p. 22). Todavia, Rubin (1982) acredita que “as crianças que não beneficiaram desde o início de interações afetivas com os pais revelam depois dificuldades até no estabelecimento de amizades” (p. 22-23), colocando-se em perspectiva que as relações com os pais/família são um reflexo para as futuras relações. Contudo, de acordo com Cordeiro (2020), os pais não devem criticar os amigos nem os grupos de pertença do filho, mas sim, analisar com o filho algumas atitudes dos amigos para com ele e também algumas atitudes desse para com os amigos.

Na idade pré-escolar, a partir dos 3 anos, é muito frequente a existência de amigos imaginários, sendo muitas vezes uma preocupação para os pais. No entanto, deve-se respeitar a criança, pois “o amigo imaginário é, pois, um escape normal e saudável para o stresse. E quando tem o seu lugar próprio, não interfere com os amigos reais” (Cordeiro, 2020, p. 199). A fantasia e a imaginação fazem parte do desenvolvimento saudável da criança, por isso, os amigos imaginários não apresentam algo negativo para a mesma.

Não só os pais têm importância na vida da criança. Os irmãos, os avós, os tios e os primos têm igualmente uma grande relevância para a criança, dependendo, como é claro, da intimidade e convivência com os mesmos. Portanto, estes também poderão ter influência nos seus futuros relacionamentos, bem como no seu desenvolvimento de interação social.

Em síntese, as relações de amizade podem contribuir de algum modo para o bem-estar e desenvolvimento da criança. Contudo, uma vinculação segura e saudável do bebê com os seus progenitores pode ter influência na vida da criança, bem como na sua formação de amizades. Neste sentido, na entrada para o Jardim de Infância, um novo contexto social e educativo, poderá facilitar a criança a iniciar uma noção mais real do conceito de amizade e, então, a estar mais disposta a dialogar acerca do mesmo e conseqüentemente, formar amizade com crianças da sua faixa etária. O/a educador/a de infância e a família têm papéis fundamentais nesta temática, pois devem estar atentos às necessidades e interesses da criança e respeitar as preferências e gostos da mesma. Desta forma, com o presente estudo, pretende-se compreender em que medida a amizade pode influenciar no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Neste segundo capítulo referente à Metodologia da presente investigação, importa principalmente delinear todo o processo da pesquisa através da natureza de estudo, a questão e os objetivos da investigação, os participantes e os procedimentos éticos e metodológicos dispostos.

2.1- Natureza do estudo

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar, em contexto educativo de Jardim de Infância. Para iniciar a investigação, foi necessário delinear uma metodologia, de forma adequada, a auxiliar na resposta à questão e objetivos da mesma. Assim sendo, adotou-se uma metodologia de natureza qualitativa, de carácter descritivo, com o intuito de compreender, em que medida pode a amizade influenciar o desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar.

Segundo Ribeiro (2008), a metodologia qualitativa é um estudo que se desenvolve “numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (p. 5).

Neste caso, é essencial, salientar a importância que o investigador deve manter um contacto direto com o meio que está a desenvolver a pesquisa, pois de acordo com Bogdan e Biklen (1994), “as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48). Posto isto, é imprescindível referir que o investigador qualitativo preocupa-se mais, com o processo da pesquisa do que pelos resultados ou produtos (*ibidem*, p. 48).

2.2- Questão de investigação

A questão de investigação que orientou o presente relatório foi:

- Em que medida a amizade influencia o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar?

2.3- Objetivos de investigação

Tendo em conta a questão de investigação, estabeleceu-se um objetivo geral e quatro objetivos específicos:

Objetivo geral:

- Investigar se as relações de amizade influenciam no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.

Objetivos específicos:

- Compreender o conceito de amizade perante o olhar de crianças em idade pré-escolar;
- Conhecer quem são os amigos das crianças na sua sala e o que gostam de fazer com os mesmos;
- Observar a formação de amizades entre as crianças e a educadora e o papel da mesma na promoção de amizade com o grupo;
- Conhecer como os encarregados de educação analisam a formação de amizades dos seus educandos.

2.4- Participantes

Neste estudo, participaram vinte e três crianças de uma sala de Jardim de Infância, sendo doze do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os três e cinco anos de idade, apesar da maioria ter quatro anos. Três das crianças do grupo ingressaram na instituição no presente ano letivo, enquanto que as restantes já a frequentavam desde a Creche. O respetivo grupo caracteriza-se por ser bastante sociável, energético e afetuoso e interessa-se, principalmente, por atividades relacionadas com a Expressão Plástica, a Expressão Motora e a Música. A tabela 2.1. apresenta o grupo de crianças, identificando cada criança com a atribuição de uma letra e o seu respetivo sexo, de modo a facilitar a compreensão do desenvolvimento da investigação.

Tabela 2.1 - Grupo de crianças.

Criança	Sexo
A	Masculino
B	Feminino
C	Masculino
D	Feminino
E	Masculino
F	Feminino
G	Masculino
H	Feminino
I	Masculino
J	Feminino
K	Feminino
L	Masculino
M	Feminino
N	Feminino
O	Feminino
P	Feminino
Q	Masculino
R	Feminino
S	Feminino
T	Masculino
U	Masculino
V	Masculino
W	Masculino

Na realização da investigação, participaram ainda, a educadora de infância da sala e doze encarregados de educação, sendo certo que todos os encarregados de educação foram convidados a colaborar.

2.5- Procedimentos éticos

De forma a preservar e salvaguardar a confidencialidade dos dados, a identidade e o nome das crianças, da educadora e dos encarregados de educação foi ocultado e

consequentemente foi atribuída uma letra a cada uma das crianças, também para uma melhor compreensão do desenvolvimento do presente relatório, solicitando um documento com o consentimento dos participantes (Apêndice A).

2.6- Procedimentos metodológicos

No presente relatório de investigação utilizaram-se algumas técnicas de recolha de dados que orientaram o mesmo como: a observação participante e conversas informais com o grupo, com recurso à intervenção da investigadora, entrevistas semiestruturadas às crianças, à educadora de infância cooperante e aos encarregados de educação.

2.6.1- Observação participativa

A observação é uma técnica de recolha de dados bastante aplicada em investigações qualitativas em contextos educativos, pois esta “consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (Aires, 2015, pp. 23-24). De acordo com Lopes da Silva et al. (2016), observar é uma parte essencial no seu processo da intencionalidade educativa do educador, visto que “esta observação possibilita-lhe ainda planear propostas que partindo dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem” (p.11).

A observação participativa é um instrumento muito frequente em investigações qualitativas, dado que “um observador é considerado participante quando se integra num grupo e na vida do mesmo” (Mónico, Alferes, Castro & Parreira, 2017, p. 728). Sendo que o principal intuito dos investigadores qualitativos através de uma observação participante, segundo Lessa de Oliveira (2008), é “entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam” (p.8).

2.6.2- Conversas informais

Este processo de recolha de dados envolveu notas de campo, permitindo registar momentos entre as crianças, de modo a auxiliar a observação da investigadora, tal como referem Bogdan e Biklen (1994), “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150). Durante todo o processo da pesquisa, a investigadora recorreu a

conversas informais com o grupo de crianças como técnica de recolha de informações. Desta forma, surgiram algumas intervenções e discussões em grande grupo, sendo este “considerado como um todo, e não como um somatório de indivíduos” (Godoi, 2015, p. 635), onde se partilhou perspectivas e ideias relativamente às temáticas desenvolvidas até ao momento.

As conversas informais permitiram à investigadora recolher dados importantes que não conseguiria somente através da observação participante, sendo um auxílio à mesma. Portanto, de acordo com Patton (2002), citado por Mendes (2012) “as conversas informais baseiam-se em questões que surgem, naturalmente, da interação entre as pessoas, muitas vezes no decurso da recolha de dados, durante a observação participante” (p.168).

2.6.3- Entrevistas semiestruturadas

De acordo com Bastos et al. (2013), a entrevista é um instrumento de trabalho, onde “os participantes utilizam elementos discursivos diversos, a fim de criar e manter a interação social” (p. 11).

De forma a compreender em que medida a amizade influencia o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, a investigadora recorreu a entrevistas semiestruturadas às crianças (Apêndice B) e à educadora cooperante (Apêndice C), com o intuito de recolher os pontos de vista dos diferentes participantes. As entrevistas às crianças e à educadora foram realizadas em contexto educativo, enquanto que as questões das entrevistas aos encarregados de educação (D) foram entregues aos mesmos, dada a falta de disponibilidade para entrevistar pessoalmente estes participantes, sendo as respostas dadas por escrito.

Segundo Resende (2016), as entrevistas semiestruturadas seguem um “guião prévio que estrutura os conteúdos a ser abordados, admite flexibilidade suficiente para explorar o mundo do entrevistado através de uma relação de conversação” (p.53). Em contrapartida, entrevistas estruturadas consistem “num conjunto de perguntas pré-estabelecidas e num conjunto limitado de categorias de resposta” (Aires, 2015, p.28).

As entrevistas foram realizadas após a conclusão da fase de diagnóstico e das estratégias implementadas, de modo a renuir e considerar todos os conhecimentos e aprendizagens do grupo de crianças relativamente à temática desenvolvida. Contudo, assim que concluídas todas as entrevistas aos participantes, estas foram submetidas a um

processo de análise de conteúdo, de modo a dar resposta à questão e objetivos da investigação. Assim sendo, nas entrevistas às crianças, o intuito principal foi compreender o que entendiam por amizade e procurar saber os amigos que tinha na sala e consequentemente, perceber se os amigos contribuía para o seu bem-estar. Em relação à entrevista à educadora cooperante, procurou-se primeiramente, conhecer a caracterização geral relativa ao grupo, compreender se considera importante estimular a amizade com as crianças em idade pré-escolar e se esta pode, de algum modo, influenciar no seu desenvolvimento. Relativamente à entrevista aos encarregados de educação, o propósito geral foi compreender se estes estão a par das amizades dos filhos, se consideram as amizades importantes na vida dos mesmos e se esta pode influenciar no desenvolvimento da criança.

CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO EDUCATIVA: DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS

O terceiro capítulo do presente relatório de investigação é referente à intervenção educativa, onde a investigadora delineou a estrutura da mesma, sendo constituída primeiramente, pelo diagnóstico e seguidamente, pelas estratégias de intervenção educativa efetuadas para a exploração da amizade. Ambas as partes constituintes da intervenção contribuíram com grande relevância para o processo de investigação, onde posteriormente, os dados obtidos de cada parte foram organizados e analisados. Contudo, em todas as partes existiu intervenção com objetivos específicos e descrição, sendo estas planificadas.

3.1. Diagnóstico

A intervenção educativa da investigadora, primeiramente caracterizou-se pela fase do diagnóstico, sendo que o principal objetivo foi compreender e analisar o conhecimento do grupo relativamente ao conceito de amizade e aspetos relacionados com o mesmo, desde sentimentos, emoções, ideias, atitudes e comportamentos. O diagnóstico foi constituído em três partes integrantes: - a leitura da história “Meu Amigo”, o registo dos amigos em desenho e a apresentação dos mesmos ao grupo. A planificação da fase de diagnóstico encontra-se no Apêndice E.

A observação do grupo e procedentes conversas informais, permitiu à investigadora conhecer mais detalhadamente as crianças através das suas brincadeiras, das suas atividades prediletas, dos grupos de crianças existentes, das suas amizades mais íntimas, entre outros, através de um contacto direto com o grupo de crianças. Todos estes aspetos contribuíram para uma previsão de futuros resultados do diagnóstico e também compreender estratégias a utilizar para o grupo se interessar pela intervenção da investigadora. Portanto, através da sua observação, reuniu todas as informações necessárias, sendo estas fundamentais para planear e organizar o diagnóstico, bem como as estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade.

A fase de diagnóstico envolveu muita comunicação e discussão entre o grupo, sendo a principal função da investigadora guiar as conversas e conseguir retirar

informações essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, de forma as crianças partilharem os seus conhecimentos, as suas ideias, os seus interesses, as suas necessidades e os seus sentimentos relativamente à temática desenvolvida.

3.1.1. Leitura da história “Meu Amigo”

De modo a iniciar o diagnóstico, primeiramente recorreu-se à história “Meu Amigo” de Astrid Desbordes (2019) (Figura 3.1) para explorar o conhecimento e as considerações das crianças relativamente à amizade. A investigadora colocou o grupo à sua frente para melhor visibilidade das crianças e inicialmente questionou-as sobre a capa do livro e sobre alguns elementos apresentados nesta, tentando desta forma suscitar alguma curiosidade e interesse. Esta história retrata diversos sentimentos e comportamentos entre uma relação de dois amigos com gostos e preferências bastante distintas.



Figura 3.1 - Livro "Meu Amigo" de Astrid Desbordes.

Através da leitura e exploração da história, os principais objetivos da investigadora foram colocar as crianças no lugar das personagens e analisar o conhecimento destas sobre o conceito de amizade. Após a leitura, em grande grupo, as crianças conservaram e discutiram sobre alguns acontecimentos, referindo as suas ideias e perspetivas, enquanto que a investigadora guiava e questionava as mesmas.

3.1.2. Registo dos amigos em desenho

Posteriormente à leitura da história “Meu Amigo”, no dia seguinte, mais propriamente, realizou-se uma conversa em grande grupo, de modo a relembrar a mesma. Por conseguinte, a investigadora propôs ao grupo que fizessem o registo dos seus amigos da sala em desenho e que pensassem na seguinte questão: “É bom ter amigos? E porquê?”, visto ser uma parte significativa na história, a importância dada aos amigos.

Depois da conclusão de todos os registos, cada criança individualmente reuniu-se com a investigadora e mencionou os nomes dos amigos presentes no seu desenho e consequentemente, a mesma escrevia os respetivos nomes no lugar que a criança indicava. No fim, ainda, cada criança respondeu à questão e a investigadora registou-a também no respetivo desenho.

3.1.3. Apresentação dos desenhos ao grupo

Passado alguns dias do registo dos amigos em desenho, numa reunião, a investigadora propôs ao grupo a apresentação dos mesmos aos colegas. No entanto, todas as crianças eram livres de escolher se queriam ou não apresentar a sua produção ao grupo.

Durante todas as apresentações, a investigadora ia auxiliando cada criança, principalmente as que necessitavam de mais ajuda, tendo esta mencionado os nomes dos amigos presentes no desenho, bem como a resposta à questão sugerida inicialmente.

3.2. Estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade

Após a fase de diagnóstico, a investigadora conseguiu constatar e analisar o conhecimento, ideias e perspetivas relativamente ao conceito e significado de amizade do grupo de crianças. Neste sentido, a segunda fase da intervenção caracterizou-se pelas estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade, constituída por duas partes: “Escolhe uma imagem e verás” e “O Espelho”. Por consequência, foram planeadas as seguintes estratégias de intervenção, também já mencionadas, visto destas serem atividades que constatarem e incluam conceitos fundamentais e integrantes para o desenvolvimento da criança, bem como para a formação de amizades, sendo estes, os afetos, a

confiança, o respeito, o bem-estar, a segurança pelo próximo, e principalmente a manifestação de ideias e sensibilidades relativas a qualquer assunto pertinente para o grupo.

3.2.1. “Escolhe uma imagem e verás”

A primeira estratégia de intervenção educativa para a exploração da amizade intitulada “Escolhe uma imagem e verás” (Apêndice F) realizou-se em grande grupo, organizado em roda, posicionado as crianças aleatoriamente, de modo a todas conseguirem visualizar todo o grupo. Para dar introdução, a investigadora iniciou relatando que iriam realizar uma atividade com muitas surpresas no que diz respeito às imagens que iriam utilizar, de forma a despertar curiosidade e interesse. Consequentemente, começou por questionar as crianças o modo como cumprimentam ou acarinham os seus amigos, familiares ou pessoas mais próximas.

Seguidamente, no centro da roda, colocaram-se vinte e três imagens viradas para baixo e cada imagem representava: um abraço, um beijinho, um aperto de mão, um “mais cinco” ou um elogio (Figura 3.2), sendo este último à escolha da criança. Portanto, nas vinte e três imagens, essas situações foram repetidas. Na primeira parte da atividade, cada criança retirou uma imagem, realizando o que essa representava ao colega do seu lado direito. Na segunda parte, a investigadora colocou o nome de cada criança em cada imagem e a criança que retirava essa imagem, realizava ao colega com o nome nessa mesma.



Figura 3.2 - Exemplos das imagens utilizadas para os cumprimentos

De forma a finalizar a atividade, realizou-se uma discussão com o grupo através de algumas questões que foram colocadas pela investigadora e de manifestações de opiniões por parte das crianças em relação ao envolvimento entre os pares.

3.2.2. O Espelho

A segunda estratégia de intervenção para a exploração da amizade foi a atividade “O Espelho” (Apêndice G). A investigadora começou por organizar o grupo em pares aleatórios. Neste sentido, colocou o mesmo em roda e no centro vinte e três imagens viradas para baixo, sendo que havia imagens pares e as crianças que tivessem imagens iguais, formaram um par. Posteriormente, explicou-se ao grupo no que consistia a atividade, de forma a facilitar o desenvolvimento da mesma e despertar algum interesse e curiosidade por parte das crianças.

Na primeira parte da atividade, em posição sentados, uma criança de cada par realizou movimentos e a outra criança representava o seu espelho, ou seja, imitava o colega. Inicialmente, alguns movimentos faciais e à posteriori de pé, com movimentos de tronco e membros. Seguidamente, as crianças trocam de funções e elaboraram o mesmo processo. Na segunda parte, repetiram a atividade através da troca de pares, à escolha das crianças, para verificarmos se existe diferença em relação à primeira parte.

Durante a atividade, colocou-se música de fundo e utilizou-se imagens dadas aos pares, de modo a facilitar a escolha de movimentos pelas crianças. No fim da mesma, as crianças começaram por dançar com os pares e quando a investigadora parava a música, mudavam de pares.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS

O presente capítulo é referente à análise e discussão das estratégias desenvolvidas, onde a fase de diagnóstico foi submetida a uma análise detalhada dos seus resultados e conseqüentemente, a mesma deu origem à elaboração e organização das estratégias de intervenção para a exploração da amizade, sendo estas também passaram por um processo de análise.

4.1. Diagnóstico

A fase de diagnóstico foi a parte inicial da intervenção educativa da investigadora, de modo a compreender o conhecimento das crianças e o que estas pensam acerca da amizade e de todos os seus aspetos envolventes, sendo uma fase fundamental para a organização e planeamento das estratégias de intervenção.

Assim, a leitura da história “Meu Amigo” de Astrid Desbordes revelou-se um relevante ponto de partida para abordar e explorar a temática principal da investigação, a amizade. O intuito principal da leitura da história foi o início da exploração da amizade com as crianças organizadas em grande grupo, colocando em perspetiva o conhecimento de todas as crianças em relação à mesma. Antes da leitura, a investigadora ao questionar o grupo sobre a capa do livro, algumas crianças quiseram, desde logo, participar e cada uma falou por sua vez, surgindo algumas ideias acerca da mesma:

D – *O mundo dos doces.*

V – *O inverno que tem flores.*

W – *O inverno com flores e nuvens.*

S – *Os meninos estão a ver o céu.*

Conseqüentemente, a investigadora continuou o diálogo com o grupo, questionando desta vez, o que seriam um ao outro, os meninos apresentados na capa e, deste modo, surgiram novas opiniões e a vontade de participar de outras crianças:

M – *São irmãos.*

J – *E no chão é neve.*

Seguidamente, iniciou-se a leitura da história, onde a investigadora, conseguiu chamar a atenção e interesse do grupo durante todo o processo de leitura. No final da mesma, questionou-se novamente o grupo, de forma a entender a sua compreensão do desenvolvimento da história. A investigadora interrogou, mais uma vez, o seriam um ao outro, os meninos apresentados da capa e o grupo, afirmou em conjunto, “eram amigos”. O Samuel, uma das personagens principais, retratam-no por ser especial e diferente em relação às escolhas das suas brincadeiras e interesses e neste sentido, a investigadora questionou sobre se consideravam o Samuel diferente como referia no livro e porquê. A maioria do grupo afirmou que a personagem era diferente, mas a criança J referiu “Sim, porque não gostava de brincar com os outros. Gostava de olhar para o céu.”

Com toda a adesão e disponibilidade do grupo, continuou-se o diálogo, visto as crianças desenvolverem cada vez mais suas intervenções e assim, interrogou-se o grupo sobre se o Gonçalo tinha interesse em olhar para o céu, umas das personagens principais da história, amigo do Samuel. O grupo, rapidamente, advertiu que sim e a criança W aludiu, ainda, que “O Gonçalo começou a gostar. O Samuel é que olhou e ensinou.” Consequentemente, a investigadora questionou sobre como se sentiu o Gonçalo quando o Samuel faltou à escola, como se sentiu o amigo Gonçalo e a maioria do grupo referiu que este “Ficou triste.” Deste modo, comparou-se a realidade da história com a realidade do grupo, tentando compreender como se sentem quando um amigo falta à escola e a maioria das crianças mencionaram que se sentiam como o Gonçalo, tristes. Algumas justificaram que gostam de vir para a escola para brincar com os amigos e quando esse falta e volta, depois, sentem-se mais felizes. De acordo com Brazelton (2013), “as crianças estabelecem relações de amizade muito fortes e ficam desoladas quando um amigo as abandona, trocando-as por outro” (p. 495), e desta forma, tentam-se refugiar em outras crianças ou adultos, quando o seu amigo não está presente, ou simplesmente por não quererem brincar com elas.

Ao finalizar, a investigadora interrogou o grupo sobre o que consistia a história, ou seja, qual é a sua moral principal, a maioria do grupo de crianças, respondeu em conjunto, “sobre os amigos” e a criança N, ainda, relatou que “O livro fala sobre os amigos. Eles eram amigos.”

O interesse e a curiosidade pela história “Meu Amigo” por parte das crianças foi evoluindo consoante a conversa entre a investigadora e o grupo, aumentando, dessa forma, a participação e intervenção de cada vez mais crianças, visto que todas eram livres de intervir e expor as suas ideias. Durante a leitura da história explorada, a atenção e a vontade em saber mais foram notórias e na conversa com as crianças, após a leitura, o grupo demonstrou a sua compreensão, conseguindo acompanhar e interpretar corretamente, do seu modo e ao seu ritmo, o sentido da história. A maioria das crianças reviu-se na história, principalmente na parte referente aos amigos não irem à escola e, dessa forma, sentiram-se tristes, demonstrando que a presença do outro é importante para elas. Segundo Papalia et al. (2006), “a amizade parece ajudar as crianças a se sentirem bem consigo mesmas” (p. 421), portanto, é provável que a presença de um amigo faça a diferença na vida de uma criança, principalmente neste contexto educativo, onde é dada tanta importância ao brincar e à socialização.

Após um dia da leitura da história “Meu Amigo”, na reunião diária com o grupo, relembrou-se a mesma. O grupo demonstrou, ainda, conhecimento e memória pela história explorada e deste modo, a investigadora propôs às crianças o registo de amigos da sala em desenho e todas quiseram participar, visto também serem um grupo que gostam muito de atividades relacionadas com Expressão Plásticas e Visuais (Figura 3.3 a 3.5). Consequentemente, teriam de pensar na questão “É bom ter amigos? E porquê?” proposta pela investigadora.

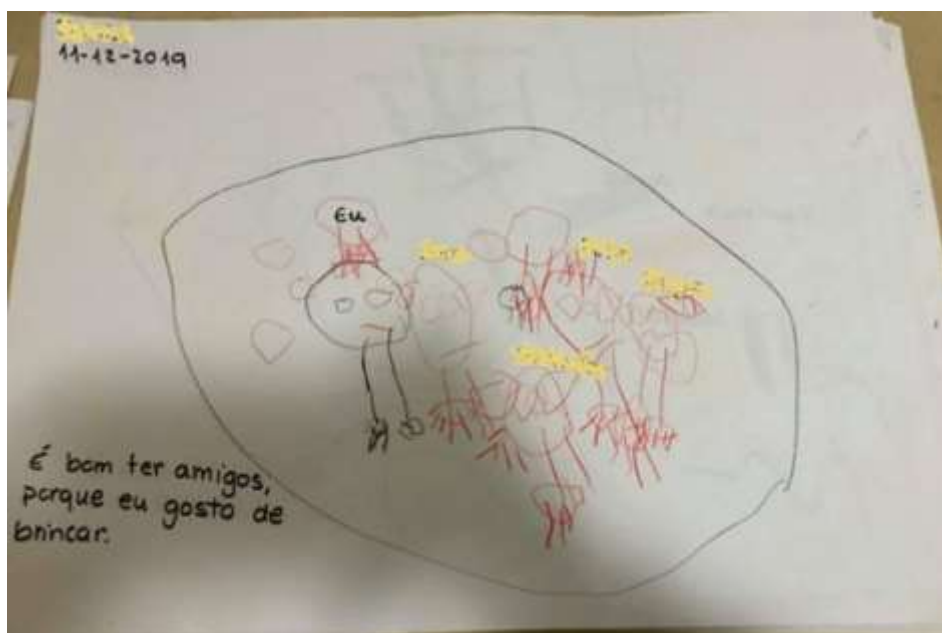


Figura 3.3 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.

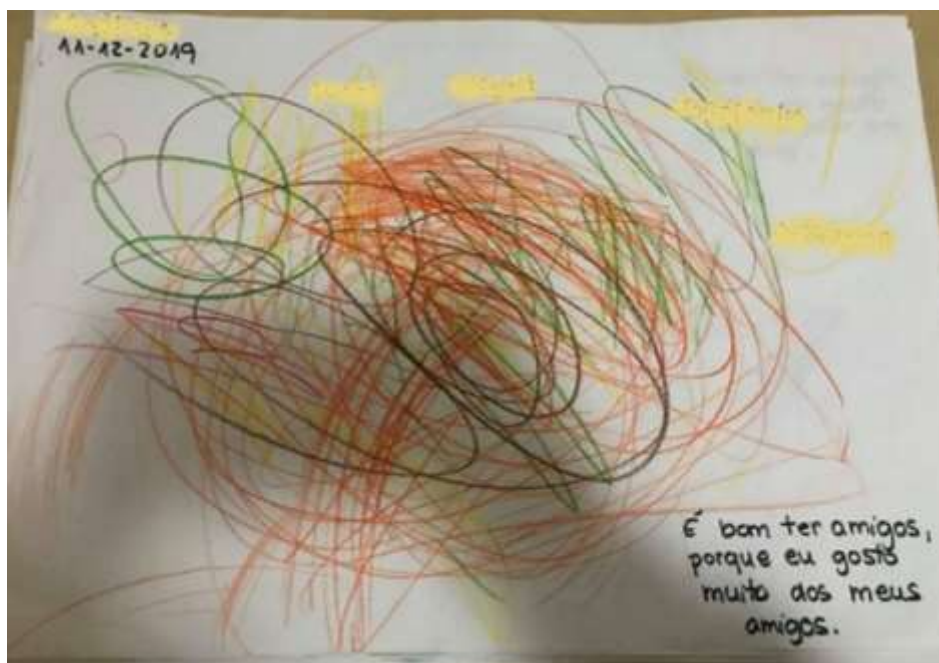


Figura 3.4 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.

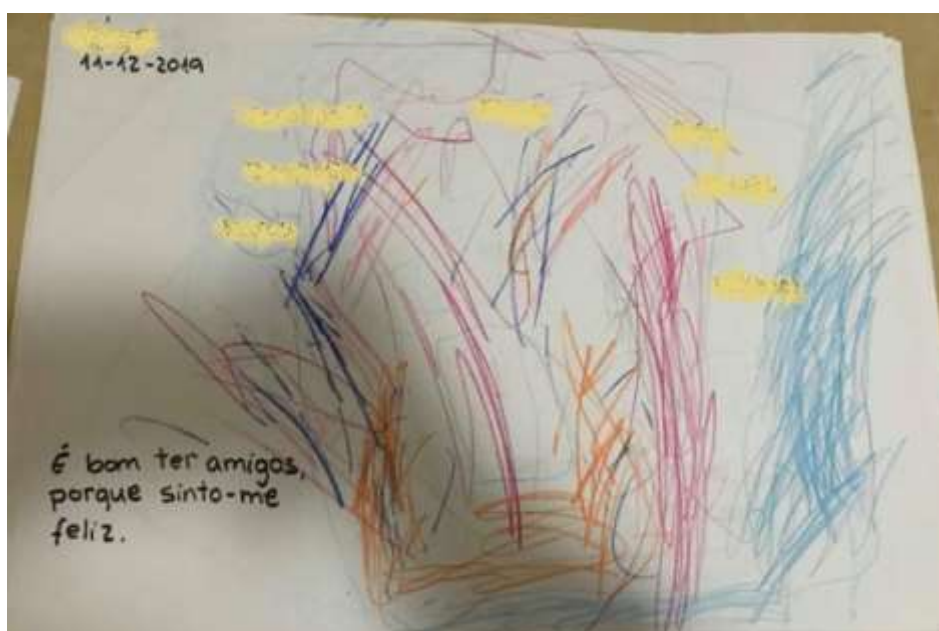


Figura 3.5 - Registo em desenho dos amigos de uma criança do grupo.

Durante a confeção dos desenhos dos amigos, o grupo de crianças ia dialogando acerca dos mesmos e nomeando os amigos que iam registando, notando-se prazer e interesse na construção da produção. Após a conclusão dos registos, cada criança individualmente reuniu-se com a investigadora e mencionou facilmente os nomes dos amigos presentes no seu desenho. No entanto, algumas crianças tiveram algumas dificuldades em responder à questão proposta, nomeadamente as mais novas. Contudo, todas as crianças responderam à mesma.

Durante uma reunião diária, dias após o registo dos amigos em desenho, a investigadora propôs ao grupo, a apresentação dos mesmo aos colegas. Todas as crianças mostraram interesse e vontade em apresentar. Durante o processo de apresentação, a maioria das crianças apresentou orgulhosamente os seus registos e facilmente nomeava os amigos representados, apenas algumas crianças necessitaram do auxílio da investigadora. Contudo, algumas crianças perguntavam “E eu? Não estou aí.”, pois tinham colocado o amigo no seu registo e mostravam alguma decepção por essas crianças não as terem colocado. Desta forma, “as amizades mais íntimas suscitam não só autoaceitação, confiança e relacionamento, como também insegurança, ciúme e ressentimento” (Rubin, 1982, p. 26). Portanto, a amizade, pede muitas vezes, reciprocidade e quando isso não acontece, pode gerar ou desenvolve alguma angústia, ciúme e desilusão por parte de algumas crianças.

No dia das apresentações dos registos, faltavam muitas crianças no grupo, visto que apenas estavam presentes 15 crianças na sala. A investigadora ao questionar o grupo sobre quem faltava nesse mesmo dia, as crianças referiram todas os colegas ausentes. Verificando-se que o grupo não esqueceu nenhuma criança ausente e desta forma, mostrando a importância e a percepção da falta dessas crianças no dia a dia do grupo.

O diagnóstico foi uma fase crucial para o processo de pesquisa, requerendo à investigadora a informação necessária para a continuação da investigação e para a organização e planeamento das estratégias de intervenção para a exploração da amizade. Neste seguimento, a investigadora conseguiu compreender que o grupo considera a amizade como algo importante, que um amigo pode fazer falta em dias em que não está e que nenhuma criança considerou todas as crianças como amigas, nomeando apenas algumas nos seus registos.

4.1. Estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade

As estratégias de intervenção educativa para a exploração da amizade surgiram de acordo com os resultados e conclusões do diagnóstico, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças. A investigadora considerou essencial realizar atividades de organização em grande grupo, visto se tratar da temática da amizade, estando esta implícita nas atividades orientadas. Assim, apenas estão particularidades ligadas à

amizade como: a entreaajuda, o respeito, a confiança e os afetos pelo próximo. Colocando desta forma, em perspetiva, que podem não ser todos amigos, mas que necessitam de respeitar e de ter em consideração pelo outro.

Na primeira intervenção “Escolhe uma imagem e verás”, após a fase de diagnóstico, a investigadora organizou o grupo de crianças em roda, de forma a todas as crianças visualizarem todo o grupo. Esta atividade, ao aguardar por diversas surpresas em todas as suas etapas, despertou alguma curiosidade e vontade em saber mais nas crianças. O grupo, quando questionado pelo modo como cumprimentam ou acarinhos os seus amigos ou a sua família, as crianças mencionaram, principalmente, os beijinhos e abraços. Sendo estes comportamentos que utilizam para demonstrar a sua amizade, amor e carinho pelas pessoas mais próximas e de acordo com Espindola e Juliano (2017) “um abraço pode mudar o seu dia e ser um grande motivador trazendo paz interior e incentivando novos relacionamentos” (p. 3).

Continuadamente, realizou-se todas as partes da intervenção, onde as crianças expressaram vontade e interesse em participar, sem qualquer constrangimento ou problema nos cumprimentos que realizaram, segundo as suas imagens. Após a conclusão, a investigadora iniciou uma discussão com o grupo, questionando-o, de maneira a surgir diferentes ideias e sensibilidades. Com a primeira questão da investigadora, após a atividade, pretendeu-se compreender como as crianças se sentiram durante todo percurso e surgiram algumas intervenções como as seguintes:

L – *Fixe. Eu gostei de jogar.*

W – *Senti-me fixe.*

S – *Contente*

A – *Feliz!*

A partir destas intervenções, consegue-se compreender o à vontade, a participação e o interesse das crianças na realização da atividade desenvolvida, visto esta possuir contacto físico e emocional. É essencial considerar o bem-estar de todas as crianças, bem como em todo o seu processo educativo. A questão seguinte baseou-se em compreender se as crianças teriam gostado das situações patentes nas imagens que realizaram durante a intervenção educativa. E assim, surgiram diferentes intervenções por parte das crianças, como as seguintes:

P – *Sim!*

R – *Gostei do beijinho, eu gosto.*

C – *Sim, porque dei abraços.*

N – *Eu gostei mais de dar fixes, no elogio.*

J – *Não gostei do aperto de mão, porque abalou muito.*

A maioria das reações do grupo foi positiva relativamente às suas imagens. No entanto, uma criança não gostou de uma imagem que desenvolveu, justificando. Contudo, isto pode estar ligado por esta não ser uma forma de cumprimentar que utilize frequentemente ou pelo facto, de não gostar e preferir outro comportamento para demonstrar as suas afinidades para com os outros.

Ao finalizar a atividade, a investigadora ainda procurou ter conhecimento, se o grupo teria gostado de realizar a mesma, dado que é fundamental, os/as educadores/as compreenderem as necessidades e interesses de todas as crianças. Portanto, todas as crianças demonstraram gosto pela realização desta estratégia de intervenção educativa, sem a demonstração de algum desagrado ou constrangimento.

Para dar continuidade à exploração da amizade, a investigadora considerou primordial a realização de outra atividade, “O Espelho”. Organizou-se o grupo em pares aleatoriamente, facilitando o desenvolvimento da atividade e o grupo não demonstrou qualquer problema ou constrangimento em relação a esse aspeto ou aos pares estabelecidos.

No início da intervenção, o grupo de crianças desenvolveu todas as etapas com empenho e interesse, trocando de pares quando pedido, sem repetições de pares como era sugerido. Contudo, a música de fundo, poderá ter ajudado a facilitar à desinibição do grupo durante todo o processo, sendo que muitas começaram a dançar a pares e no final da atividade, tornou-se uma dança de troca de pares em espelho, cada vez que a investigadora parava e começava a música. As crianças, na troca de pares, não se mostraram preocupadas na escolha dos mesmos, misturando o sexo masculino e sexo feminino, naturalmente. Uma vez que algumas crianças do sexo feminino são muito próximas umas das outras e na atividade, poderia ser mais complicado, porém agiram de forma muito coletiva, sem qualquer problema. Portanto, isto mostra que a preferência em realizar a atividade, não colocou em questão o sexo e o/a educador/a, desta forma, “deve proporcionar momentos de interação entre as crianças de sexos diferentes, propondo jogos e atividades que permitam a convivência entre todos” (Valadeiro, 2017, p. 23).

Após a conclusão da intervenção educativa da investigadora, realizou-se uma discussão com o grupo. Algumas crianças mostraram-se motivadas, visto que gostavam de dar continuidade à atividade. Conseqüentemente, interrogou-se o grupo relativamente à realização da intervenção e todas as crianças afirmaram gosto na participação. Assim, a investigadora procurou conhecer quais as etapas que as crianças mais gostaram, como ser imitado ou imitar o outro e surgiram as algumas intervenções, como as seguintes:

P – *Gostei do espelho, porque gostei de imitá-lo.*

C – *Gostei da dança.*

J – *Gostei de tudo.*

T – *Gostei de tudo, porque é muito fixe.*

Por fim, a investigadora ainda procurou saber se o grupo tinha gostado da troca de pares durante o desenvolvimento da atividade, a maioria das crianças afirmou, justificando com algumas intervenções:

M – *Sim, porque nós gostamos do outro.*

B – *Porque era fixe.*

F – *Sim, porque eu gosto muito dele.*

N – *Eu gostei de dançar com a O, porque ela é minha amiga e a J também é minha amiga.*

Durante todo o processo da atividade, na imitação e na dança de espelho, todas as crianças demonstraram-se à vontade com todos os seus pares e conseqüente troca dos mesmos. No entanto, demonstraram uma diferença, ficando mais felizes e empenhadas quando realizavam a atividade com quem consideravam um amigo. Assim, o/a educadores/a deve contribuir para um “ambiente educativo aberto à experiencialidade, onde as crianças demonstram-se motivadas para descobrir mais sobre si, sobre os outros e os objetos, construindo a sua identidade e alteridade” (Valadeiro, 2017, p. 27).

CAPÍTULO V – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se e analisam-se os resultados de todos os conteúdos recolhidos das entrevistas, destacando-se, contudo, as intervenções mais significativas e relevantes para o desenvolvimento da investigação. Sendo importante referir que as entrevistas às crianças foram realizadas após as atividades desenvolvidas com o grupo. As entrevistas à educadora e encarregados de educação foram também concretizadas posteriormente à intervenção educativa da investigadora.

5.1. Entrevistas às crianças

As entrevistas às crianças foram transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo. Como mencionado anteriormente, as entrevistas às crianças foram realizadas individualmente e deste modo, a investigadora apresentou as questões através de tabelas para uma análise mais pormenorizada.

A tabela 5.1. representa as respostas das crianças à questão: *O que é, para ti, a amizade/ser amigo?*

Tabela 5.1 - O que é, para ti, a amizade/ser amigo?

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADE DE REGISTO	FREQ.
Amizade/ser amigo	Sentimento	A - “Ser amigo é ser feliz.” B - “Ser amigo é miminhos e amor.” C - “Ser amigo é bonito.” E - “Ser amigo é feliz.” G - “É uma pessoa que gosta muito de mim.” H - “É feliz.” I - “Ser amigo é estar feliz.” K - “Ser amigo é ser feliz.” L - “Ser amigo é amor.”	12

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADE DE REGISTO	FREQ.
		M - “Ser amigo é gostar uns dos outros.” N - “Ser amigo é divertido.” S - “É sentir feliz.”	
	Brincar	J - “É brincar.” P - “É brincar.” Q - “Ser amigo é brincar com os amigos.” R - “Ser amigo é brincar juntos.” V - “É brincar.” W - “Brincar.”	6
	Outro nomeado	F - “Ser amigo é a H.” O - “É a R.” T - “É ser amigo do outro.” U - “É o G.”	4
	Atividades em comum	D - “Ser amigo é emprestar as coisas e também correr com os amigos.”	1

As crianças do grupo, quando questionadas sobre o que é para si, a amizade/ser amigo, doze responderam que significava um sentimento ou algo carinhoso e agradável. Contudo, seis crianças responderam brincar, refletindo-se deste modo em algo concreto. Quatro crianças ainda referiram nomeando uma pessoa, ou seja, alguém importante e que faz a diferença na vida das mesmas, enquanto que uma criança respondeu que a amizade/ser amigo significava a partilha de objetos e atividades em comum, demonstrando a importância da partilha e de atividades entre crianças.

Neste sentido, confirma-se que a maioria das crianças referem a amizade/ser amigo como um sentimento ou algo carinhoso e agradável, contribuindo para sua felicidade e bem-estar.

A tabela 5.2. representa as respostas das crianças à questão: *Tens amigos na tua sala? Quem são?*

Tabela 5.2 - Tens amigos na tua sala? Quem são?

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADE DE REGISTO	FREQ.
Amizade/ser amigo	Reconhecimento de algumas crianças como amigas	A - “Sim. O E, o L, o T e o C.” B - “Sim. A M, a K, a D.” C - “Sim. O A, o T, o E e o L.” D - “Tenho. A H, a R, o T e o L.” E - “Sim. O A, o C e o T.” F - “Tenho. A H, a J e a O.” G - “Sim. O E, o T e a D.” H - “Sim. A O, a J e a N.” I - “Tenho. A R, ela é minha namorada. O A e o E também são meus amigos.” J - “Sim. A S, o C, a N, a D, o L, a P, a H, a O, o G e o U.” K - “Sim. O T, a B e a M.” L - “Sim, o T, o W, o Q, o E, o C.” M - “Tenho. A K, a B, a D, o L.” N - “Sim. A O, a F, a H, a R, o A, a J.” O - “Sim. A R, a H, a N, o I, a P, a B, a M.” P - “Sim. A H e a J.” Q - “Sim. O E, o T, o V, o A.” T - “Sim. O L, o W, o Q, o E, o C, o I.” U - “Sim. O G, a B, o V.” W - “Sim. O T, o L, o A, o V, o I, a R, a H.”	20
	Reconhecimento de todas as crianças como amigas	R - “Sim. São todos.” S - “Sim. Os meninos e as meninas.”	2

CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADE DE REGISTO	FREQ.
	Reconhecimento de mais pessoas presentes na equipa educativa como amigas	V - “Sim. A H, o T, a B, o Q, tu (estagiária), a Y (auxiliar), a X (educadora) e a Z (auxiliar).”	1

O grupo, quando questionado sobre os amigos que tinha na sala, vinte crianças responderam nomeando algumas crianças do grupo. Duas crianças mencionaram que eram amigas de todas as crianças da sala e apenas uma criança respondeu nomeando algumas crianças do grupo, incluindo a educadora, as auxiliares e a estagiária.

Desta forma, constata-se que a maioria das crianças quando questionadas sobre a existência de amigos na sala, apenas nomearam algumas crianças como amigas.

Comparando os amigos que as crianças referiram nos registos e nas entrevistas, conseguiu-se concluir diferentes nomeações. Contudo, considera-se que isto possa ter acontecido, pelo facto que durante o registo em desenho, as crianças estarem perto de outras crianças e conseqüentemente, esse aspeto ter alguma influência na sua produção. Já durante a entrevista, apenas a investigadora e a criança estávamos na sala, visto que as entrevistas foram realizadas individualmente.

A tabela 5.3. representa a análise categorial das respostas das crianças à questão: *Tem algum/a algum/a melhor amigo/a? Quem? Porquê?*

Tabela 5.3 - Tens algum/a melhor amigo/a? Quem? Porquê?

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
Amizade/ser amigo	Sim - Sentimento	A - “Sim, o E, porque gosto muito dele.” B - “Sim, a M, a K e a D, porque gosto delas.” D - “Sim, a B, porque eu amo ela.” F - “Sim, o A, porque eu gosto dele.” K - “Sim, a B, porque eu gosto dela.” L - “Sim, o T, porque eu gosto dele.”	11

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
		<p>Q - “Sim, o T, porque eu gosto dele.”</p> <p>R - “Sim, o meu melhor amigo é o I, porque ele é meu namorado.”</p> <p>S - “Sim, a H, porque ela gosta de mim.”</p> <p>T - “Sim, o L, porque ele é engraçado.”</p> <p>W - “Sim, o T e o L são os meus melhores amigos de sempre, porque eu gosto muito deles.”</p>	
	Sim – diferentes razões	<p>C - “Sim, a D, porque é minha prima.”</p> <p>E - “Sim, o L, o porque não sei.”</p> <p>G - “Sim, a D, porque ela fala muito.”</p> <p>J - “Sim, a N, porque ela vive no meu prédio.”</p> <p>N - “Sim, a O, porque ela empresta-me as coisas dela.”</p> <p>O - “Sim, a R, porque pode mexer nas minhas coisas.”</p> <p>U - “Sim, a S, porque ela disse para eu comer tudo.”</p>	7
	Sim - Brincar	<p>H - “Sim, o C, porque eu gosto de brincar com ele.”</p> <p>I - “Sim, o L, porque ele brinca comigo.”</p> <p>M - “Sim, a B, porque ela brinca sempre comigo.”</p> <p>V - “Sim, o T, porque eu procuro ele para brincar.”</p>	4
	Não	P - “Não.”	1

As crianças, quando questionadas sobre se têm melhores amigos/as, onze responderam que tinham, justificando por algum sentimento que nutriam por esse amigo/a. Sete crianças referiram que tinham melhor/a amigo/a, justificando com diferentes situações, por exemplo, por serem primos, ou viviam no mesmo local ou pela partilha de coisas, ou seja, a maioria por terem algo em comum. Quatro crianças referiram que tinham melhor/a amigo/a, referindo que gostavam de brincar com esse amigo e, apenas, uma criança referiu que não tinha melhor/a amigo/a.

Deste modo, a maioria das crianças quando questionadas se têm melhores amigos, referiram que tinham devido aos sentimentos que possuíam relativamente a seu amigo. Ainda assim, verifica-se que maioria das crianças do grupo tem um/uma melhor amigo/a na sala.

A tabela 5.4. representa as respostas das crianças à questão *O que gostas de fazer com os teus amigos?*

Tabela 5.4 - O que gostas de fazer com os teus amigos?

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
Amizade/ser amigo	Diferentes atividades	C - “Gosto de fazer batalhas de piões.” D - “Gosto de fazer todas as coisas.” F - “Pintar e desenhar.” I - “Gosto de fazer corrida e andar no escorrega.” J - “Divertir-me com balões e esconder-me numa caixa.” L - “Gosto de lutar, brincar à faca e jogar às escondidas.” M - “Gosto de fazer o que eles gostam.” Q - “De brincar à apanhada.” T - “Gosto de fazer trabalhos com os amigos.” U - “Uma pintura e uma árvore de Natal.”	10
	Brincar	B - “Gosto de brincar.” E - “Gosto de brincar.”	8

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
		H - “Gosto de brincar com eles.” K - “Gosto de brincar com eles.” N - “Gosto de brincar.” O - “Brincar.” S - “Brincar.” V - “Brincar.”	
	Brincar e outras atividades	A - “Gosto de brincar aos piões, jogar à apanhada e jogar às escondidas.” G - “Gosto de brincar e de desenhar.” P - “Gosto de brincar e andar na corda.” R - “De trabalhar na sala e de brincar.” W - “Brincar, correr no parque e passear, jogar à bola.”	5

As crianças, quando questionadas sobre o que gostam de fazer com os amigos, dez mencionaram diferentes atividades, nomeadamente jogar ao pião, pintar, trabalhar, entre outras. Oito crianças referiram apenas que gostavam de brincar com os amigos e cinco responderam que gostava de brincar e de fazer outras atividades.

Neste sentido, a maioria das crianças, quando questionadas sobre o que gostam de fazer com os amigos, referiram diferentes atividades. Ainda assim, uma parte significativa referiu que gostava de brincar com os amigos.

A tabela 5.5. representa as respostas à questão: *Achas que é bom ter amigos? Porquê?*

Tabela 5.5 - Achas que é bom ter amigos? Porquê?

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
Amizade/ser amigo	Sim - Sentimento	<p>A - “Sim, porque é feliz.”</p> <p>C - “Sim, porque é bonito. Eu já disse isso.”</p> <p>D - “Sim, é muito bom, porque fico feliz.”</p> <p>G - “Sim, porque eu gosto dos meus amigos.”</p> <p>H - “Sim, porque sinto-me feliz.”</p> <p>I - “Sim, porque eu gosto dos amigos.”</p> <p>J - “Sim, porque eu gosto.”</p> <p>K - “Sim, porque eu gosto muito deles.”</p> <p>R - “Sim, porque eu gosto.”</p> <p>S - “Sim, porque eu gosto muito dos amigos.”</p> <p>T - “Sim, porque eles são muito meus amigos.”</p> <p>W - “Sim, porque eu gosto de ter amigos.”</p>	12
	Sim - Brincar	<p>B - “Sim, porque não se deve brincar sozinho.”</p> <p>L - “É, porque eu gosto de brincar com eles.”</p> <p>M - “Sim, porque eles brincam com todos.”</p> <p>P - “Sim, porque eu gosto de brincar.”</p> <p>Q - “Sim, porque eu gosto de brincar com eles.”</p> <p>R - “Sim, porque eu gosto de brincar com eles.”</p>	7

Categoria	Indicadores	Unidade de registo	Freq.
		G - “Sim, porque para brincar na sala e na rua com os meus amigos.”	
	Sim – Outras razões	F - “Sim, porque eles são da nossa sala.” N - “Sim, porque os pais têm de trabalhar e nós ficamos na escola com os amigos.”	2
	Sim - Não sei	E - “Sim. Porque não sei.” U - “Sim, porque não sei.”	2

No grupo, quando questionado se considerava bom ter amigos, doze crianças responderam que sim, devido ao sentimento que nutriam pelos amigos. Sete crianças mencionaram que era bom ter amigos, justificando que gostavam de brincar com eles. Duas crianças responderam que era bom ter amigos, explicando por estes serem da sua sala/escola e as restantes duas crianças referiram que era bom ter amigos, mas não sabiam o porquê.

Deste modo, a maioria das crianças, quando questionadas se consideravam bom ter amigos, afirmaram, devido aos sentimentos que nutriam pelos mesmos. Ainda assim, uma parte significativa referiu também que é bom ter amigos, visto que gostam de brincar com os mesmos. Anteriormente, durante o registo de desenhos na fase de diagnóstico, foi feita a mesma questão às crianças, porém, não se registou muitas diferenças nas respostas.

5.2. Entrevista à educadora

A entrevista à educadora cooperante foi transcrita e submetida a uma análise de conteúdo detalhada das questões. A investigadora considerou essencial incluir a participação da educadora, visto esta estar muito presente na vida social e afetiva das crianças da sua sala e, também, por possuir um papel crucial na promoção da amizade entre o grupo. A entrevista foi realizada no contexto educativo em estudo, sendo constituída por quatro questões relativas à caracterização do grupo de crianças, à existência de amizades e amizades fortes entre o grupo, à importância de estimular a amizade entre as crianças desde cedo e à influência que a amizade pode ter no desenvolvimento das crianças.

Relativamente à primeira questão referente à caracterização do grupo, a educadora cooperante descreve-o como um grupo de crianças, vinte e três, onde “cada uma com a sua personalidade, com diferentes vivências”, mas ainda esclarece que “de forma geral são todos amigos, são crianças disponíveis em ajudar”, ou seja, é um grupo rico em personalidades devido às suas vivências. Contudo, as crianças são consideradas pela educadora próximas umas das outras.

Em relação à questão referente à existência de amizades e amizades fortes entre o grupo, a educadora menciona que existem muitas amizades no grupo, pois descreve que “num todo, é um grupo amigo”, visto que “gostam muito de ajudar, são cúmplices uns dos outros”. A educadora relata ainda que existem muitos grupos de amizade entre as crianças, relatando como “aqueles amigos mais íntimos, mais cúmplices nas brincadeiras”. Consequentemente a existência da formação de amizades fortes está presente, pois a educadora esclarece ser “um grupo que sempre teve contacto um com os outros, foram criando laços de afinidade, partilha de interesses”.

A seguinte questão refere-se à importância de estimular a amizade entre as crianças desde cedo, a educadora afirma que é importante estimulá-la, pois “é através da amizade, das emoções que as crianças socializam e acabam por se integrar num determinado grupo que as rodeia”. A educadora ainda menciona que um/a educador/a tem de estar atento/a para auxiliar as crianças “a tomar consciência e empatia pelo outro”, estimulando a amizade através “da brincadeira e muitas vezes existem situações de conflito, faço despertar a criança para a consciência do seu lugar, bem como do outro.” A educadora cooperante finaliza afirmando que é urgente estimular o cuidar do outro e tem esperança de fazer alguma diferença na vida desta nova geração, visto que só tendo consciência do próximo, “é que podemos viver em sociedade”.

Na última questão, relativa à influência que a amizade pode deter no desenvolvimento das crianças, a educadora acredita que a amizade pode ter influência, pois refere a importância “da relação entre os pares na primeira infância, é essencial para a adaptação psicossocial atual e futura.” Nesta questão, a educadora ainda esclarece, através do seu ponto de vista, que a “relação de amizade criada entre as crianças, seja de um grupo grande ou entre apenas duas crianças é importante”, justificando que “vai ajudá-las a dominar novas habilidades sociais e familiarizarem-se com regras, normas e processos sociais envolvidos nas relações interpessoais”.

5.3. Entrevista aos encarregados de educação

Todos os encarregados de educação da sala foram convidados a participarem na entrevista da investigação, contudo apenas doze devolveram a entrevista transcrita sendo essas contabilizadas para o presente estudo. A investigadora considerou relevante a participação dos encarregados de educação, visto os pais/família possuem um valor imprescindível na vida e em todo o desenvolvimento da criança e conseqüentemente por formarem as primeiras relações afetivas e sociais da mesma. Sendo também o intuito da investigadora conhecer as análises e considerações dos encarregados de educação em relação à formação de amizade das suas crianças. Neste sentido, a entrevista está constituída por quatro questões relativas às conversas entre os encarregados de educação e educandos/as sobre as crianças da sua sala, ao conhecimento da existência das amizades do/a educando/a no Jardim de Infância, à importância da amizade na vida do/a seu/sua educando/a e à influência que esta poderá exercer no desenvolvimento da criança.

Relativamente à primeira questão referente às conversas com os educandos/as sobre as suas amizades na sala, todos os encarregados de educação afirmaram que os/as educandos/as falam sobre as crianças da sua sala, contudo alguns mencionam também que estes falam das crianças reconhecendo-as como amigos e com quem brincam na sua sala.

Em relação ao conhecimento da existência das amizades do/a educando/a no Jardim de Infância, todos os encarregados de educação confirmam que os/as educandos/as tem amigos no Jardim de Infância, porém alguns aludem que os/as filhos/as falam de determinados amigos, referenciando que esses amigos são com quem mais gostam de brincar.

Na seguinte questão, referente à importância da amizade na vida do/a seu/sua educando/a, todos os encarregados de educação referem que a amizade é importante na vida do/a filho/a e a maioria justifica dizendo, essencialmente, que esta permite o desenvolvimento e o autoconhecimento da criança, fomenta a partilha, o trabalho em equipa e a criatividade e desenvolve capacidades sociais e emocionais.

Na última questão, relativamente à influência que a amizade pode ter no desenvolvimento da criança, todos os encarregados afirmam que esta influencia o desenvolvimento da mesma, visto que estes justificaram referindo, principalmente, que o convívio com outras crianças fá-las crescer de forma equilibrada e saudável e de forma a que saibam estar em grupo, que a amizade estimula à interação social, como o brincar e

ensina a criança a respeitar os outros. A partir da amizade, a criança aprende a lidar com situações de conflito, situações boas ou más que fazem parte do seu desenvolvimento, adquirindo novas experiências e lições.

CONCLUSÕES

O presente estudo *A influência da amizade no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar* possibilitou aprofundar e investigar conceitos de extrema importância da educação de infância e do desenvolvimento da criança, resultando novas aprendizagens e vivências para as crianças e investigadora.

Com a realização de todos os processos da investigação, refletiu-se cada um dos mesmos, chegando-se desta forma, às conclusões e aprendizagens por parte de todos os indivíduos integrantes do estudo. Deste modo, pretendeu-se refletir e analisar todas as etapas do caminho desenvolvido, através da questão e objetivos da investigação.

Primeiramente, ao delinear o processo da investigação, iniciou-se a observação participante e complementares conversas informais, onde se pretendeu conhecer o grupo de crianças como um todo, as vivências sociais existentes entre as crianças e as práticas realizadas pela educadora cooperante com as mesmas. Contudo, o grupo mostrou-se um grupo muito sociável e afetuoso com o próximo, sendo que as suas práticas prediletas: Expressão Plástica como o pintar, o desenhar ou a construção de 3D, a Expressão Motora e a Música. A educadora cooperante desenvolvia a sua prática, na maioria, em pequenos grupos, dando liberdade ao grupo na escolha nas atividades a realizar. De forma geral, o grupo pretendia sempre realizar todas as atividades orientadas pela educadora.

Consequentemente, iniciou-se o diagnóstico, sendo a primeira etapa da intervenção educativa e constituído por três processos: a leitura da história “Meu Amigo”, o registo dos amigos em desenho e a apresentação dos mesmos ao grupo. Todos os processos passados no diagnóstico mostram-se essenciais para compreender e conhecer o conceito relativamente à amizade e toda a sua envolvência das crianças partindo de uma história, em grande grupo. De acordo com Cordeiro (2020), “a partir dos 3 anos, uma criança já tem noção do que é a amizade e da importância de um amigo” (p. 393), e em vista disso, o grupo demonstrou-se que a amizade e envolvimento entre amigos, essencialmente, recorre ao gosto por brincar com o outro e à felicidade de o ter ao seu lado.

Em relação à seguinte etapa da intervenção, as estratégias de intervenção educativa para a exploração educativa, foi constituída por duas atividades: “Escolhe uma imagem e verás” e o Espelho. A primeira atividade desenvolvida com o grupo, a disponibilidade e o interesse das crianças foi imediata, demonstrando que a envolvência e

o à vontade entre as mesmas, sem qual problema ou constrangimento de realizarem as formas de cumprimentos das imagens, visto que gostam de realizar este tipo comportamento para com pessoas próximas. Relativamente à seguinte atividade, o Espelho, o grupo demonstrou muito à vontade com os pares resultantes aleatoriamente. Durante todo o processo, as crianças desempenharam a atividade com interesse e muito ânimo e na troca dos pares, não demonstraram qualquer constrangimento e notou-se, até, divertimento por parte do grupo relativamente a isso. Ainda que, as estratégias de intervenção se incidam mais na área de Formação Pessoal e Social, os seus objetivos podem ser transversais a outras áreas de conteúdo, pois a exploração e promoção da amizade pode acontecer durante todo o processo educativo.

De modo geral, com base na fase do diagnóstico e posteriormente, na fase das estratégias de intervenção educativa, é importante referir que existiram muitas mais intervenções por parte das crianças. No entanto, apenas colocando-se as mais significativas e relevantes para a continuidade da investigação. Neste sentido, durante e após a conclusão das diversas fases da investigação, houve sempre empenho, interesse e motivação por parte do grupo de crianças, visto que este é muito comunicativo e adora conversar sobre si e sobre as restantes crianças, colocando em destaque a importância da amizade para o mesmo.

Após a análise de conteúdo da intervenção elaborada, recorreu-se entrevistas às crianças, educadora cooperante e encarregados de educação, individualmente. De forma, a consolidar os resultados da intervenção da investigadora. Com a entrevista às crianças, foi possível concluir que a maioria das crianças referem-se à amizade como um sentimento ou algo bom que sentem por outra pessoa. Todas as crianças nomearam amigos do seu grupo como amigos e a maioria gosta de realizar as mais diversas atividades com os mesmos, colocando em perspectiva que o que importa é fazerem algo juntos, sem a nomeação de apenas uma atividade. Com a entrevistas às crianças, também conseguiu-se perceber que os amigos contribuem para o bem-estar e felicidade das mesmas. Rubin (1982) refere que “quando existem relações sólidas, empáticas e afetivas, as crianças aprendem a ser mais afetuosas e solitárias e acabam por comunicar os seus sentimentos” (p. 29), por isso, todas as crianças referiram que era bom ter amigos, justificando principalmente com sentimentos que nutrem pelos companheiros.

Em relação à entrevista à educadora cooperante e após a sua análise de conteúdo, iniciou referindo que o grupo de crianças com personalidades distintas e fortes devido às suas vivências, porém as crianças são consideradas próximas umas das outras, sendo um

grupo amigo, pois a maioria das crianças estão juntas desde a Creche. A educadora, relativamente à importância em estimular a amizade, relata que “é através da amizade, das emoções que as crianças socializam e acabam por se integrar um determinado grupo que as rodeia.” Com esta entrevista, também se conseguiu compreender que a educadora considera que a amizade pode de alguma forma influenciar o desenvolvimento da criança, visto que refere que “é essencial para a adaptação psicossocial atual e futura.”

Por conseguinte, concluída a análise da entrevista aos encarregados de educação, compreendeu-se que os mesmos conversam com os/as seus/suas educandos/as sobre as crianças da sala, referindo que têm amigos na mesma. Os encarregados de educação ainda afirmam que consideram a amizade importante na vida da criança, explicando através de pequenas justificações e por último, ainda asseguram que a amizade pode influenciar no desenvolvimento da criança, explicando que é crucial o convívio e interação social entre as crianças. Portanto, a família é um grande apoio auxílio na formação de novas relações das suas crianças, visto que “a necessidade mais importante do seu filho, depois da alimentação e da saúde básica, é a de relacionar-se com outras pessoas” (Greenspan, 2009, p. 31).

Através da construção do planeamento e mais tarde, da análise de todos os resultados obtidos, conclui-se que se conseguiu dar resposta à questão de investigação “Em que medida a amizade influencia o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar?”, obtendo também os objetivos estabelecidos. O conceito de amizade/ser amigo e aspetos relacionados com a temática como: o respeito, a confiança, a segurança, a afetividade e o envolvimento/interação com o outro tiveram presentes em todas as intervenções, onde o grupo criou e mostrou uma dinâmica coletiva empenhada em conversas de grupo, na elaboração das atividades e vontade em mostrar mais de si, bem como em saber mais, onde se verificou que a amizade é essencial na vida das crianças, contribuindo para o seu bem-estar e consequentemente para o seu desenvolvimento. Portanto, é imprescindível constatar, que “a capacidade de relacionar-se com outra pessoa é a capacidade básica para o desenvolvimento de uma criança” (Greenspan, 2009, p. 21).

Neste sentido, pois segundo Cordeiro (2020), um amigo é considerado “uma segurança, um recurso e um apoio nas brincadeiras, na descoberta do mundo e na vida relacional” (p. 392). Os adultos também necessitam de amigos e aqueles que estabeleceram relações momentâneas ou longas na infância, serão agora pessoas mais felizes. Assim sendo, certamente, que “uma criança sem amigos é na verdade uma criança pobre” (Brazelton, 2013, p. 491).

Ao concluir, é importante ainda salientar que o/a educador/a e a família são pilares essenciais na vida da criança, sendo exemplos a seguir para a mesma e igualmente modelos para as suas futuras relações de amizade. É primordial que o/a educador/a fique atento/a às necessidades e interesses de todas as crianças do grupo, colocando a sua ação educativa sempre a favor do bem-estar das mesmas e seguir o caminho de parceiro com a família. Deste modo, cabe ao/à educador/a “ter a consciência de que se trata de um modelo para as crianças, como as quais deve, acima de tudo, privilegiar uma atitude de diálogo, afetividade, respeito e compreensão” (Pires, 2013, p. 19). Sendo primordial referir que os/as educadores/as, além de serem educadores/as, têm de ser amigos da criança, para que esta tenha ambição em desenvolver futuras relações de amizade, contribuindo desta maneira, o melhor para ela.

REFLEXÃO FINAL

O presente relatório de investigação apresentado possibilitou aprofundar os conhecimentos acerca da importância da amizade na vida e desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. Este trabalho permitiu dar resposta à questão e objetivos de investigação, utilizando uma pesquisa aprofundada e refletida nas temáticas envolvidas no conceito de amizade. No desenvolvimento do mesmo, reuniu-se a informação necessária para a condução da intervenção educativa e posteriormente, às entrevistas, de modo a responderem aos objetivos estabelecidos, bem como às necessidades e interesses do grupo de crianças. Assim sendo, foi recompensador pesquisar todos os processos para os resultados da investigação e principalmente, acompanhar todo o processo de aprendizagem e vivências do grupo na mesma. Reforçando, mais uma vez, que o principal objetivo foi que as crianças compreendessem a importância que as relações de amizade têm na sua vida e como estas podem influenciar no seu bem-estar e desenvolvimento.

Durante o processo de construção desta investigação surgiram algumas limitações e contratempos, como em qualquer trabalho académico, referentes essencialmente à falta de bibliografia disponível sobre a temática e falhas da própria investigadora, que, contudo, aprendeu a ir-se gerindo e organizando da forma mais adequada. Apesar disso, esta pesquisa mostrou-se ser um trabalho muito gratificante que evidentemente irá marcar uma fase importante da vida da investigadora enquanto futura profissional de educação. A PES em Creche, os conteúdos consolidados durante o mestrado e as práticas desenvolvidas durante a licenciatura foram, naturalmente, um ponto de referência para a PES em Jardim de Infância, para o desenvolvimento do presente trabalho e do seu futuro, enquanto pessoa e profissional.

Este trabalho foi, sem dúvida, importante para crianças e principalmente para a própria investigadora. A amizade é algo essencial e básico para a nossa sobrevivência, seja no nosso contexto familiar, educativo ou de trabalho. Assim, estabelecendo uma referência ao tema desenvolvido na investigação, sem o apoio de familiares e amigos, tudo teria sido diferente. Portanto, esta pesquisa foi fundamental para a aprendizagem e trajetória da investigadora, tanto a nível pessoal como a nível profissional. Como futura educadora de infância, a investigadora sabe o quanto é necessário responder e respeitar as necessidades, interesses e características de cada criança, para que todas se sintam bem e motivadas no seu contexto educativo. Sendo indispensável fomentar o trabalho em

equipa e a cooperação entre o/a educador/a e os auxiliares da sala, de forma a promover e encontrar respostas apropriadas às crianças. É, certamente, pertinente, que a investigadora continue a investir na sua formação profissional, visto ser importante a atualização dos conteúdos inerentes à educação de infância. Quando se sabe o caminho, tudo se encaixa. Ser educador/a de infância é um longo caminho cheio de incertezas com certezas grandiosas, as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M., Bell, S., & Sayton, D. (Orgs). (1983). A ligação filho-mãe e o desenvolvimento social: a “socialização” como um produto da resposta recíproca a sinais. In M. Richards, *A integração da criança no mundo social* (p. 129). Lisboa: Livros Horizonte.
- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bastos, L., Santos, W. (Orgs), Rollemberg, A., Basto, C., Bruno, D. & Frias, M., &... Rosas, S. (2013). *A entrevista na pesquisa qualitativa – perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, B., T. (2013). *O grande livro da criança – O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, B., T & Greenspan, I., S. (2002). *A criança e o seu mundo – requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carneiro de Sá, P. (2010). *Vinculação ao pai e à mãe: Contribuições específicas para o ajustamento escolar em crianças*. (Dissertação no Mestrado integrado em psicologia - Secção de Psicologia Clínica e da Saúde Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa). Acedido a 15 de março de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10451/2505>
- Cepêda, T., Brito, I. & Heitor, J., M. (2005). *A Promoção da Saúde Mental da Gravidez e Primeira Infância*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde. Direção de Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental.
- Cordeiro, M. (2020). *O livro da criança*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Costa, E. (2020). *Vinculação e desenvolvimento sócio-afetivo da criança*. In A. C. Baptista, M. H. Horta & S. Rodrigues, (Orgs), *Uma Viagem à Primeira Infância – Um dia que vale a pena recordar* (pp. 21-29). Faro: Universidade do Algarve Editora.
- Couto, A. (2018). *A relação entre pares numa sala de jardim de infância*. (Relatório de PES para a obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa). Acedido a 20 de março através de <http://hdl.handle.net/10400.21/9427>
- David, M. (1981). *A criança dos 0 aos 6 anos – vida afetiva, problemas familiares*. Lisboa: Moraes editores.
- Delfino, C. (2012). *Ligação Pais/filho - Contributo para o processo de vinculação*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa). Acedido a 1 de abril de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.26/16005>

- Espindola, L. & Juliano, J. (2017). Afetividade nas relações humanas educacionais. *Revista Eletrónica Científica Inovação e Tecnologia*, 8(16), 1-16, ISSN: 2175-1846.
- Ferreira, P. (2014). *A relação entre a qualidade da vinculação e o desenvolvimento emocional de crianças em idade pré-escolar*. (Tese de Mestrado em Psicologia: Especialidade em Psicologia Clínica, Instituto Universitário – Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida). Acedido a 20 de fevereiro de 2020 através <http://hdl.handle.net/10400.12/3319>
- Gamito, P. (2013). *O processo de vinculação e de adaptação na creche e no jardim-de-infância*. (Relatório de Estágio de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal). Acedido a 25 de fevereiro de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.26/6509>
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), 285-294. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i2.4787>
- Godoi, K., C. (2015). Grupo de Discussão como Prática de Pesquisa em Estudos Organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, 55(6), 632-644. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150603>
- Greenspan, I., S. (2009). *A criança e o seu desenvolvimento – um guia essencial para que os seus filhos se sintam felizes e seguros em casa, na escola e no mundo que os rodeia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Leocádio, C. (2013). *As relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar*. (Relatório de PES em Educação Pré-Escolar para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve). Acedido a 20 de março de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.1/7755>
- Lessa de Oliveira, C. (2008). Um apanhado Teórico-Conceitual sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características. *Revista Travessas*, 2 (3), 1-16. Acedido a 14 de maio de 2020 através de https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/339156/mod_resource/content/1/PesquisaQualitativa.pdf
- Lopes da Silva (coord), I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Mendes, M. (2012). *A aprendizagem da multiplicação numa perspetiva de desenvolvimento do sentido de número: Um estudo com alunos do 1.º ciclo*. (Doutoramento em educação didática da matemática, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa). Acedido a 5 de maio de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10451/5893>
- Mónico, L., Alferes, V., Castro, P. & Parreira, P. (2017). *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. Atas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. ISBN: 978-972-8914-77-6.
- Mota, F. (2018). *“Ele bateu-me” (Francisco) – da intervenção do adulto à autonomia das crianças na resolução de conflitos*. (Relatório de PES para a obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação de Lisboa do

- Instituto Politécnico de Lisboa). Acedido a 22 de abril de 2020 através <http://hdl.handle.net/10400.21/9526>
- Papalia, E., D., Olds, W., S., & Feldman, D., R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed Editora.
- Pires, A. (2013). *O desenvolvimento de normas sociais na criança em idade pré-escolar: a perspetiva do educador*. (Relatório de PES em Educação Pré-Escolar para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar da Universidade do Algarve). Acedido a 12 de abril de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.1/6922>
- Resende, R. (2016). Técnica de Investigação Qualitativa: ETCI. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2 (1), 50-57. Acedido a 28 de abril de 2020 através de https://www.researchgate.net/publication/305488949_Tecnica_de_Investigacao_Qualitativa_ETCI
- Ribeiro, A., E. (2008). A perspetiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência*, 4(1), 129- 148). Acedido a 20 de abril de 2020 através de <https://pt.scribd.com/document/369022789/A-Perspectiva-Da-Entrevista-Na-Investigacao-Qualitativa>
- Ricardo, L., Rosseti, C. (2011). O conceito de amizade na infância: Uma investigação utilizando o método clínico. *Periódicos Eletrónicos em Psicologia*, 9(9), 82-94. Acedido a 30 de abril de 2020 através de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542011000200007
- Rodrigues, J. (2015). *As relações interpessoais entre crianças em contexto de Creche e de Jardim de Infância*. (Relatório do Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal). Acedido a 10 de maio de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.26/10606>
- Rubin, Z. (1982). *As amigas das crianças*. Lisboa: Dom Quixote.
- Seabra, M. (2011). *Ser educadora: Um percurso de aprendizagem*. (Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar). Acedido a 25 de março de 2020 através de <http://hdl.handle.net/20.500.11796/1147>
- Valadeiro, C. (2017). *As relações de amizade entre as crianças na creche e no jardim-de-infância*. (Relatório do Projeto de Investigação no Mestrado em Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal). Acedido a 15 de março de 2020 através de <http://hdl.handle.net/10400.26/19671>
- Vasconcelos, T. (2007). A importância da educação na construção da cidadania. *Saber(e)Educar*, 12(1), 109-117. Acedido a 12 de abril de 2020 através de <http://hdl.handle.net/20.500.11796/714>

APÊNDICES

Apêndice A - Documento dirigido aos encarregados de educação



Documento informativo dirigido aos Encarregados de Educação

Assunto: Relatório de Investigação

Eu, Solange Maria, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, venho por este meio informar a todos os encarregados de educação que estou a realizar o meu relatório de investigação com o tema “A influência da amizade no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”, na sala do/a seu/sua educando/a.

Para a realização, irei utilizar algumas técnicas de recolha de dados que irão auxiliar o processo de investigação como: atividades desenvolvidas com o grupo, entrevistas e conversas informais do grupo, a entrevista da educadora de infância e as entrevistas entregues aos encarregados de educação.

Posto isto, é importante salientar que todos os dados utilizados serão tratados de forma confidencial, salvaguardando e ocultando a identidade e o nome de todas as crianças, bem como da educadora e encarregados de educação.

Encontro-me disponível para qualquer dúvida que possa surgir sobre este assunto.

Agradeço desde já a vossa compreensão.

Aluna estagiária

(Solange Maria)

Faro, ___ de _____ de ____

Entrevista à criança

Criança:

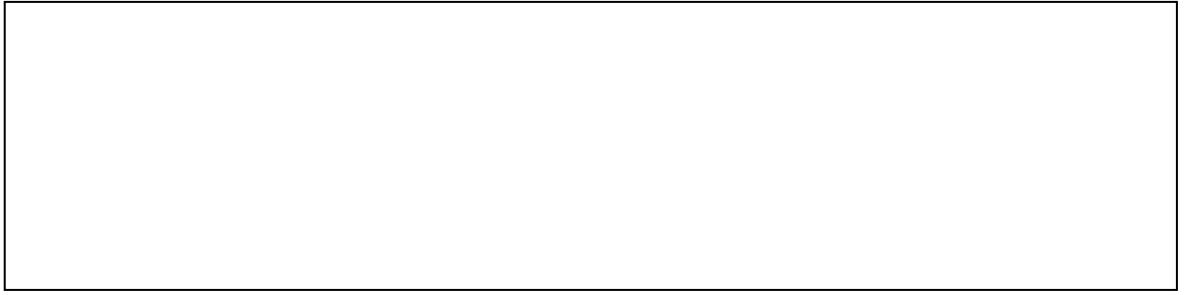
Data: __/__/__

1 – O que é para ti, a amizade/ser amigo?

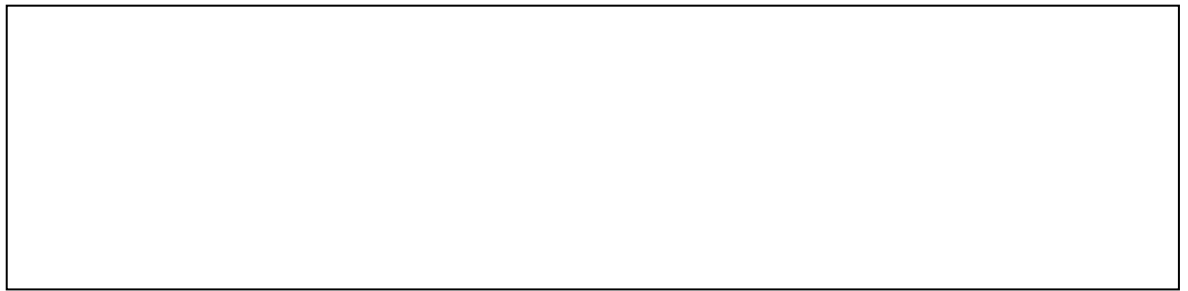
2 – Tens amigos na tua sala? Quem são?

3 – Tens algum melhor amigo/a? Quem? Porquê?

4 – O que gostas de fazer com os teus amigos?



5 – Achas que é bom ter amigos? Porquê?



Entrevista à educadora de infância

Data: ___/___/___

1 – Como caracteriza este grupo de crianças?

2 – Existe muitas amizades entre o grupo? E amizades fortes?

3 – Acha importante estimular a amizade entre as crianças, desde cedo? Se sim, porquê e como a estimula?

4 – Acredita que a amizade pode ter influência no desenvolvimento das crianças?
Porquê?



Entrevista aos encarregados de educação

Data: ___/___/___

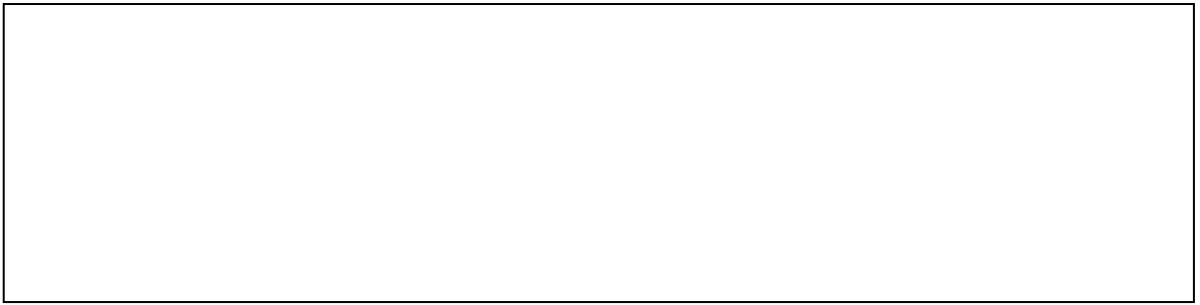
1 – O/a seu/sua educando/a fala das crianças da sua sala, em casa?

2 – Em casa, o/a sua/seu educando/a refere que tem amigos no Jardim de Infância?

3 – Acha que a amizade é importante na vida do seu/sua educando/a? Porquê?

4 – Acredita que a amizade pode ter influência no desenvolvimento das crianças?

Porquê?



Apêndice E - Planificação da fase de diagnóstico

Planificação 1: Leitura e exploração da história “Meu Amigo”

ÁREAS / DOMÍNIOS	OBJETIVOS:	ESTRATÉGIAS:	ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO:	
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a abordagem e exploração ao tema da amizade com o grupo de crianças; • Promover o conhecimento e interesse pela temática; • Estimular a reflexão crítica; • Promover o respeito por si e pelos outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história “Meu Amigo”. • Registo dos amigos em desenho. • Apresentação dos registos. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Crianças • Educadora • Auxiliares • Estagiária Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Livro “Meu Amigo” de Astrid Desbordes • Folhas brancas A3. • Lápis e canetas de cor. 	Espaço/Tempo Espaço: <ul style="list-style-type: none"> • Sala de atividades. Tempo: <ul style="list-style-type: none"> • 3 dias.
Área de Expressão e Comunicação	Domínio das Artes	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o interesse e criatividade através da expressão plástica e visual. 		
	Domínio da Linguagem Oral e da Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a oralidade e interesse pela leitura. 		

Apêndice F - Planificação da atividade "Escolhe uma imagem e verás"

Planificação 2: "Escolhe uma imagem e verás"

ÁREAS / DOMÍNIOS	OBJETIVOS:	ESTRATÉGIAS:	ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO:	
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> Promover o conhecimento e interesse pela temática da amizade; Estimular o envolvimento do grupo e relações entre pares; Desenvolver a afetividade, a confiança e o respeito por si e pelo outro; Estimular a reflexão crítica, expressando sentimentos, emoções, gostos e preferências. 	<ul style="list-style-type: none"> Escolha das imagens viradas e elaboração da forma de cumprimento apresentada na mesma. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Crianças Educadora Auxiliares Estagiária. Materiais: <ul style="list-style-type: none"> 23 imagens correspondentes ao beijo, ao abraço, ao aperto de mão, ao "Dá mais cinco" e ao elogio. 	Espaço/Tempo Espaço: <ul style="list-style-type: none"> Sala de atividades Tempo: <ul style="list-style-type: none"> 40 minutos
Área de Expressão e Comunicação	Domínio da Linguagem Oral e da Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer relação entre a escrita e a imagem. 		
	Área do Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> Tomar consciência da sua identidade e pertença de diferentes grupos: família, amigos, jardim de infância. 		

Planificação 3: O Espelho

ÁREAS / DOMÍNIOS	OBJETIVOS:	ESTRATÉGIAS:	ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO:	
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o conhecimento e interesse pela temática da amizade; • Estimular o envolvimento do grupo e relações e interações entre pares; • Compreender que passamos uma imagem nossa aos outros; • Reconhecer a imagem e a linguagem corporal perante os outros; • Estimular a reflexão crítica, expressando sentimentos, emoções, gostos e preferências; • Desenvolver a confiança, a segurança e a comunicação entre os pares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Imitação dos movimentos do colega, recriando o seu espelho; • Troca de posições dos pares. O espelho para a ser imitado pelo outro colega; • Dança de pares e troca de pares por escolha livre das crianças. 	<p>Recursos Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crianças • Educadora • Auxiliares • Estagiária. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagens aleatórias para a organização aleatória de pares. 	<p>Espaço/Tempo</p> <p>Espaço:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sala de atividades <p>Tempo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 40 minutos
Área do Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar consciência da sua identidade e pertença de diferentes grupos: família, amigos, jardim de infância. 			